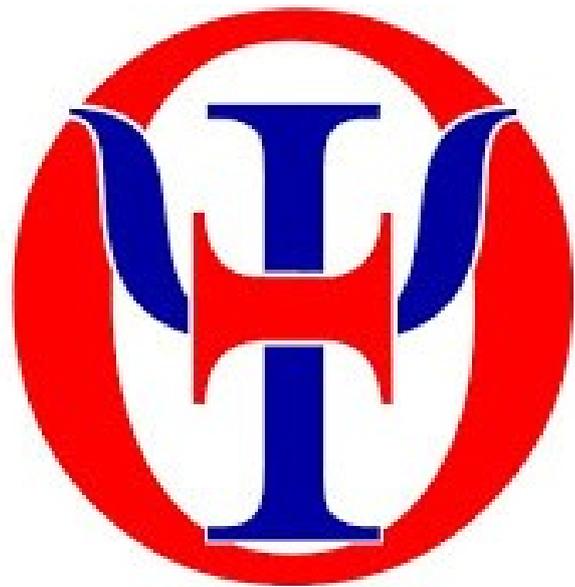


MINISTÉRIO GOEL



Crer e Ser
Psicoteologia

"Informar, Formar, Transformar"

LOGOTERAPIA

"A SUA UNÇÃO VOS ENSINA A RESPEITO DE TODAS AS COISAS" (1 Jo 2.27)

SUMÁRIO

O QUE É PSICOLOGIA?.....	4
BREVE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA.....	4
INTRODUÇÃO À LOGOTERAPIA	8
LOGOTERAPIA.....	10
LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL.....	15
FILOSOFIA E ANTROPOLOGIA COMO BASES DA PSICOTERAPIA	17
A PSICOLOGIA PASTORAL E A LOGOTERAPIA	20
CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA LOGOTERAPIA (REVISÃO)	29
TÉCNICAS LOGOTERÁPICAS	34
LOGOTERAPIA VERSUS PSICOTERAPIA.....	37
GARY R. COLINS E O ACONSELAMENTO BÍBLICO	38
ESPIRITUALIDADE E O SENTIDO DA VIDA EM VIKTOR E. FRANKL	42
BIBLIOGRAFIA.....	45
BIOGRAFIA DO AUTOR	46

EPÍGRAFE

“O homem pode entender o Cosmos, mas jamais o Ego; o Eu é mais distante do que qualquer estrela. Amarás ao Senhor teu Deus, mas não conhecerás a ti mesmo” (G. K. Chesterton).

“Trate as pessoas como se elas fossem o que poderiam ser e você as ajudará a se tornarem aquilo que são capazes de ser” (Johann Goethe).

O QUE É PSICOLOGIA?

Você sabe o que quer dizer Psicologia? O que faz um psicólogo ou psicóloga?

Podemos começar definindo a palavra psicologia. A definição de psicologia poderia ser dada por sua origem grega: $\Psi\upsilon\chi\omicron\lambda\omicron\gamma\iota\alpha$ = Psychê + logia. Psychê quer dizer alma ou mente e também era o nome da Deusa “Psiquê”, que na mitologia grega era esposa de Eros, o nosso famoso cupido. Note que a primeira letra, Ψ (psi), é o símbolo da Psicologia, a figura acima.

Logia vem de logos (logia), que quer dizer: discurso, conhecimento, ciência. Deste modo Psicologia é a ciência da alma e da mente. É a ciência que estuda a mente e o comportamento.

A palavra *psicologia* significa estudo da psiquê e a palavra *psiquê* significa mente ou alma. No *Microsoft Thesaurus*, encontramos com referência *psique*: "eu: atman, alma, espírito; subjetividade: eu superior, eu espiritual, espírito". O leitor é lembrado, mais uma vez, de que as raízes da psicologia se estendem pelas profundezas da alma e do espírito humanos.

A palavra *psique* ou sua equivalente tem fontes antigas, remontando a, pelo menos, vários milênios antes de Cristo. Nessa Época, ela em geral significava a força ou o espírito que animava o corpo ou veículo material. Em dado momento, na Alemanha do século XVI, *psique* foi conjugada a *logos* - palavra ou estudo - para formar *psicologia*, o estudo da alma ou do espírito, conforme aparecem nos seres humanos. Ainda se discute quem teria utilizado pela primeira vez a palavra *psicologia*; alguns dizem que foi Melanchton; outros dizem que foi Freigius; outros ainda, que foi Goclenius de Marburgo. Porém, por volta de 1730, ela já estava sendo utilizada num sentido mais moderno por Wolff, na Alemanha; por Hartley na Inglaterra; por Bonnet, na França - e mesmo nessa ocasião, psicologia ainda significava, como a *New Princeton Review* de 1888 a definia, "a ciência da psique ou da alma".¹

A psicologia é tanto um campo de estudos acadêmicos (em Universidades e faculdades) como um campo de aplicação dos conhecimentos: consultórios, hospitais, clínicas de saúde mental, em empresas e organizações.

Deste modo, a psicologia é uma ciência (campo de conhecimentos) e uma profissão, que foi regulamentada no Brasil em 1962.

O objetivo principal dos psicólogos e psicólogas é entender e explicar o pensamento, a emoção e o comportamento das pessoas. Quanto à área de aplicação da psicologia, podemos dizer que qualquer lugar onde se encontre uma pessoa, poderíamos ter um psicólogo atuando – dada a definição anterior. Clínicas, hospitais, escolas, empresas, indústrias, laboratórios são áreas nas quais os psicólogos trabalham.

Breve história da psicologia

Resumo da História da Psicologia com as Principais Abordagens

Em certo sentido, pode-se dizer que a psicologia existiu desde o nascimento da filosofia grega. Obras de Platão e Aristóteles já contém estudos sobre a alma humana. Assim, ao longo da filosofia como um todo, desde a Antiguidade, passando pela Idade Média e moderna, encontramos livros relacionados aos temas da psicologia: estudos sobre os humores, temperamentos, sofrimentos, ética.

¹ WILBER Ken. PSICOLOGIA INTEGRAL. São Paulo, SP. EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA, 2009, p. 7.

Mas existe um autor que é considerado o pai da moderna psicologia: seu nome é Wilhelm Maximilian Wundt. Ele é considerado o fundador da psicologia enquanto ciência por ter criado o primeiro laboratório de psicologia, em Leipzig, na Alemanha em 1879.



Wilhelm Maximilian Wundt foi um médico, filósofo e psicólogo alemão. É considerado um dos fundadores da moderna psicologia experimental junto com Ernst Heinrich Weber e Gustav Theodor Fechner.

O laboratório fundado por Wundt:

[...] significou o desligamento das ideias psicológicas de ideias abstratas e espiritualistas, que defendiam a existência de uma alma nos homens, a qual seria a sede da vida psíquica. A partir daí, a história da psicologia é de fortalecimento de seu vínculo com os princípios e métodos científicos. A ideia de um homem autônomo, capaz de se responsabilizar pelo seu próprio desenvolvimento e pela sua vida, também vai se fortalecendo a partir desse momento (Bock, 1999, p. 26).

O grande mérito de Wundt foi o fato de encontrar nas reações orgânicas do homem a explicação para muitas das atividades mentais e comportamentos, antes considerados originários da alma:

Wundt desenvolve a concepção do paralelismo psicofísico, segundo a qual aos fenômenos mentais correspondem fenômenos orgânicos. Por exemplo, uma estimulação física, como uma picada de agulha na pele de um indivíduo, teria uma correspondência na mente deste indivíduo, Wundt teria um método que denomina introspecção. Nesse método, o experimentador pergunta ao sujeito, especialmente treinado para a auto-observação, os caminhos percorridos no seu interior por uma estimulação sensorial (a picada da agulha, por exemplo) (Bock, 1999, p. 43).

Wundt abriu dois grandes campos de pesquisa para a psicologia: a pesquisa experimental (em laboratório) e a psicologia social ou psicologia dos povos – em alemão *Völkerpsychologie*.

Abordagens da psicologia

Até os dias atuais, os psicólogos contemporâneos dividem a psicologia em três grandes abordagens: a psicanálise, o behaviorismo (comportamentalismo) e humanismo.

Existem três grandes abordagens dentro da psicologia:

1. A psicanálise;
2. O behaviorismo (comportamentalismo);
3. O humanismo.

Sem elas, não podemos contar a história da psicologia nem explicar “o que é psicologia”. Além destas três forças, que serão explicadas abaixo, existem outras abordagens da psicologia como a psicologia transpessoal e a PNL, Programação Neurolinguística.

A psicanálise

O pai da psicanálise foi Sigmund Freud, neurólogo austríaco nascido em 1859. A ideia central da psicanálise (análise da psiquê) é a ideia de inconsciente. Embora seja um conceito complexo, podemos entendê-lo como uma “parte” de nossa mente que o eu, a consciência, não controla.

Com a ideia de inconsciente, Freud explicou os sonhos, sintomas, atos falhos², piadas e doenças psíquicas. De suas amplas pesquisas que procuraram abordar a psiquê, surgiu o ditado “Freud explica”.

Outros teóricos como Alfred Adler, C. J. Jung e Reich discordaram em alguns pontos da teoria de Freud e criaram suas próprias linhas de pesquisa. Mas como todas não abandonam a ideia de inconsciente, podemos dizer que todas surgiram a partir da psicanálise.

O behaviorismo

O termo behaviorismo vem do inglês behavior, comportamento. Em português, podemos dizer tanto **behaviorismo** como **comportamentalismo**.

O comportamentalismo define a psicologia como a ciência que estuda o comportamento. Autores como Pavlov, Watson e B. F Skinner deram grandes contribuições para o desenvolvimento desta abordagem da psicologia.

Pavlov estudava o comportamento de salivação de cães. Em seu laboratório de pesquisa, ele criou um experimento que o tornou mundialmente famoso: Toda vez que ele dava comida ao cão ele tocava uma sineta. Depois de certo tempo, apenas tocando a sineta, o cão salivava. Ou seja, ele provou o condicionamento animal, que explica a causa de certas fobias em humanos.

Skinner aprofundou as pesquisas da área, inaugurando o que chamou de behaviorismo radical. Fazendo uso também de experimentos com animais, ele desenvolveu o conceito de condicionamento operante.

² Ato falho é um equívoco na fala, na memória, em uma atuação física, provocada hipoteticamente pelo inconsciente, isto é, através do ato falho o desejo do inconsciente é realizado. Isto explica o fato de que nenhum gesto, pensamento ou palavra acontece acidentalmente. Os atos falhos são diferentes do erro comum, pois este é resultado da ignorância ou conveniência.

A grosso modo, podemos resumir este conceito da seguinte forma: o comportamento tem probabilidade de acontecer dada sua relação com os fenômenos anteriores e posteriores.

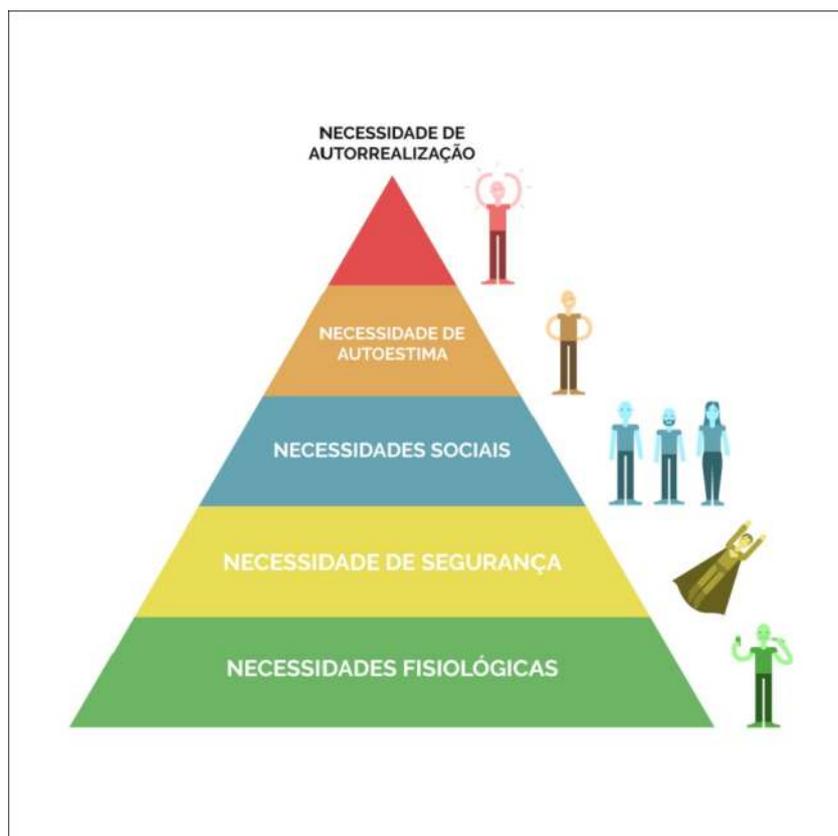
Em outras palavras: um comportamento vai ser controlado pelo que aconteceu antes e pelo que pode acontecer depois. Por exemplo, posso adorar comer chocolate. Mas se antes de comer chocolate, eu tiver comido muito chocolate, se você me oferecer – mesmo gostando muito de chocolate – provavelmente eu não vou aceitar.

O humanismo

Na década de 1950, houve uma forte reação contra estas duas abordagens da psicologia: **a psicanálise e o behaviorismo**. Esta reação ficou conhecida como humanismo ou psicologia humanista e tem dois importantes teóricos: Carl Rogers e Abraham Maslow.

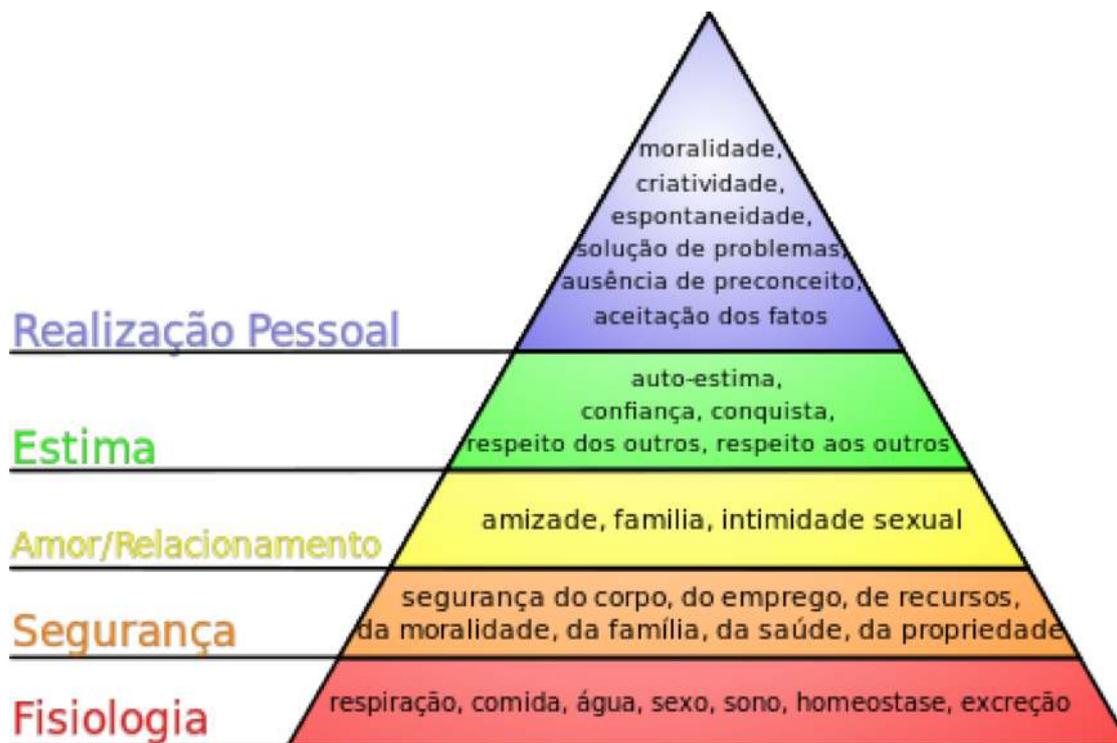
Em 1962, Maslow publicou o livro *Toward a Psychology of being* (Em Direção a uma Psicologia do Ser), em que defendia a existência de uma força dentro da Psicologia: o humanismo.

Um dos conceitos mais conhecidos de Maslow é a de hierarquia de necessidades. Maslow desenhou uma pirâmide, muito utilizada nos estudos de motivação, sobre a ordem de prioridades de satisfação do homem.



Em outras palavras, primeiro buscamos satisfazer:

- a) necessidades fisiológicas – como fome e sono;
- b) segurança – emprego, família, saúde;
- c) amizade, relacionamentos amorosos;
- d) necessidades de estima e;
- e) realização pessoal.



INTRODUÇÃO À LOGOTERAPIA

A busca pelo sentido da vida é uma atividade natural do ser humano. Somente ele é capaz de se interrogar pela sua existência e discutir a problematidade do ser. O homem é um ser que procura sentido por participar da história e, na história, construir vida e dar sentido a ela.

Pois, na tentativa de conceder ao homem a sua dimensão de liberdade, de missão e de transcendência - diante da catástrofe em massa da ideologia, do imperialismo cultural e da coerção psicológica que determinam a consciência do homem - Victor Frankl criou uma logoterapia capaz de levar o homem a interrogar-se pela sua própria pessoa e descobrir o sentido último de cada ação e de toda sua existência. Por isso, ele pode ser conhecido como o "médico da doença do século XX" (também do século XXI), a saber: o vazio existencial.

O vazio existencial é a neurose do século XX (FRANKL, 2008, p. 131). Ela está fundamentada no niilismo³ singular de cada indivíduo, que se caracteriza pela ausência de sentido da vida: perda das referências e da singularidade da existência do homem.

O niilismo é a negação de sentido. "Todo niilismo se caracteriza pelo ceticismo em relação ao sentido, ceticismo este, acompanhado de um relativismo quanto aos valores" (Frankl, 1978, p. 261).

O niilismo, na atualidade, é a máxima expressão do reducionismo. O ser humano é entendido na sua funcionalidade e, analogamente, se identifica com uma máquina, capaz de operar dados e obedecer a um sistema pré-determinado que rejeita todas as coisas, isto quer dizer: o ser humano instrumentalizado passou a agir em função do ter. Com isso, surgiram patologias de origem existencial. Ele não consegue descobrir os seus anseios e,

³ Nihilismo. É a desvalorização e a morte do sentido, a ausência de finalidade e de resposta ao "porquê". Os valores tradicionais depreciam-se e os "princípios e critérios absolutos dissolvem-se". "Tudo é sacudido", posto radicalmente em discussão.

muitas vezes, perdeu o significado de suas decisões. A sua consciência nada mais é que a representação da condicionalidade. Dessa forma, se afirma que o homem e o animal são seres idênticos, não havendo qualquer diferença de origem superior.

A Logoterapia propõe ao indivíduo a constituição de um novo sentido à vida e, por meio do enfrentamento cria um novo sentido, uma nova perspectiva e um novo caminho que, para algumas pessoas, em certos momentos, já estão sem esperança.

A Logoterapia é a Psicoterapia centrada na busca do sentido vital que reforça o potencial que cada ser humano tem e pode ser usada em momentos difíceis. É uma voz interna na qual pode construir seu próprio limite num processo de libertação de alguns sintomas que o incomodam. E a partir disto, criar um enfrentamento, que leva a descobrir o sentido da vida. Mesmo que este lute até o último instante para encontrá-la.

Embora a Logoterapia seja elaborada a partir de uma visão centrada no homem e, na maioria dos casos, rejeite completamente a ideia de Deus, a psicologia não pode ser desprezada em seu todo, pois, em maior ou menor grau, fornece elementos que podem e devem ser utilizados no contexto do aconselhamento bíblico. Afinal, como afirma Roger F. Hurding, “as metodologias cristãs fundamentam-se no mesmo repositório de sabedoria e de conhecimento dentro da ordem criada, em que se baseiam os sistemas seculares (sic)” (1995, p.458).

Mesmo que algumas vertentes mais radicais cheguem a negar a existência ou a necessidade de qualquer espiritualidade para o ser humano, há elementos que apontam para buscas que são comuns, pontos de contato que merecem ser estudados e ter sua relevância constatada e aplicabilidade verificada.

Há uma inter-relação psicologia aconselhamento que devido a esta resistência de parte dos proponentes do aconselhamento bíblico permanece até certo ponto velada. Entretanto, em certos momentos, ela se torna manifesta com maior ou menor clareza, de modo que se pode concordar que “embora o cuidado pastoral tivesse constituído parte importante e intrínseca da vida do povo de Deus desde os dias do Antigo Testamento, pode-se afirmar que o zelo demonstrado pela igreja sempre esteve sujeito à psicologia predominante na época” (Hurding, 1995, p. 245).

Podemos afirmar que ainda é relevante nos dias contemporâneos a cooperação explícita entre o “cuidado pastoral” e a psicologia. E que, esta cooperação, que remonta aos finais do século XIX e compreendeu tanto o empréstimo por parte dos pastores de elementos da psicologia, como o incentivo de certos psicólogos a um exame atento da experiência religiosa (HURDING, 1995, p. 247), deve ser estudada em relação às proposições surgidas durante o século XX. Proposições que, se em alguns pontos, pareceram afastar-se mais da perspectiva bíblica, em outros, abriram novas portas e braços de conexão com a perspectiva espiritual.

Dentre os novos posicionamentos, a psicologia existencialista é uma das mais desafiadoras, pois, em virtude de ter sua visibilidade atrelada a nomes como os dos filósofos Martin Heidegger e Jean Paul Sartre, cujos pontos de vista são estritamente antropológicos e ateístas, ela tem sido compreendida como totalmente oposta a qualquer ideia religiosa (metafísica) e, portanto, inconcebível para uma aplicação no âmbito do aconselhamento bíblico. Existe, contudo, no existencialismo, uma vertente ligada ao cristianismo através de Kierkegaard e seus seguidores, que fundaram o chamado existencialismo cristão, cujos maiores expoentes são Victor Frankl e Carl Rogers. Este

existencialismo produziu uma aproximação que se manifestou em duas direções: a de psicólogos que abraçaram os princípios existencialistas sem, contudo, extirpar o sentimento religioso do ser; e de pastores e teólogos que assimilaram certas concepções existenciais. Entre os primeiros destacamos Viktor Emil Frankl (1905-1997), médico e psiquiatra austríaco. E, entre os que se colocam na direção contrária, Gary R. Colins, conselheiro cristão e psicólogo, com suas propostas integracionistas.

Vamos ver um pouco sobre o Existencialismo.

EXISTENCIALISMO

O existencialismo centra sua reflexão na pessoa existente e considera o homem o único ser que é sua existência e que é capaz de se criar livremente. Além disso, sob essa perspectiva, o homem é visto como uma realidade inacabada e aberta e que se vincula intimamente ao mundo e, em especial, aos demais homens. É essa relação homem-mundo que constitui o tema da filosofia existencialista.

Xausa (1988) indica expoentes do pensamento existencialista, sendo que alguns também estiveram ligados ao método fenomenológico, anteriormente citado: Martin Heidegger, Gabriel Marcel, Karl Jaspers e Jean Paul Sartre, no campo na filosofia; Camus e Kafka, no campo da literatura.

A característica em comum mais marcante entre esses autores é a inquietação com a ação e a consciência do problema da escolha na existência humana (EWALD, 2008).

Como explica Xausa (1988), Heidegger foi a grande figura do existencialismo contemporâneo. Seu objetivo era, partindo de uma compreensão vaga do ser, poder interrogá-lo e alcançar plenamente seu sentido. Essa “análise da existência” se utilizava do método fenomenológico, negando a compreensão do homem com base em teorias.

Outro expoente do existencialismo foi Sartre. Segundo ele, não há determinismo em relação à realidade humana, de forma que apenas a liberdade é determinante. Isso implica que o homem faça a si mesmo. Para esse pensador, a existência precede a essência e isso ocorre porque o homem é livre, não é predeterminado. Isso o diferencia dos demais animais: enquanto o homem existe, os outros animais apenas são (MARQUES, 1998).

É com base nessa liberdade que Sartre afirma ser o homem livre para decidir o caminho a tomar e responsável por suas decisões. Na concepção sartreana não há algo como uma natureza humana (essência) que se sobreponha ao que o homem faz de si (existência). O homem primeiramente está no mundo, existe, e apenas depois se define (MARQUES, 1998)

LOGOTERAPIA⁴

A **Logoterapia** é um sistema teórico – prático de psicologia, criado pelo psiquiatra vienense **Viktor Frankl**, que se tornou mundialmente conhecido a partir de seu livro "Em Busca de Sentido" (Um Psicólogo no Campo de Concentração) no qual expõe suas experiências nas prisões nazistas e lança as bases de sua teoria. De acordo com Allport, "trata-se do movimento psicológico mais importante de nossos dias". A Análise

⁴ <https://psicologado.com/abordagens/logoterapia/viktor-emil-frankl-e-a-logoterapia>.

Existencial de Viktor Emil Frankl é uma linha existencial-humanística que busca, a partir de sua antropologia, ser abarcativa em sua visão de homem em todas as suas dimensões.

A **Logoterapia** é conhecida como a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, sendo a **Psicanálise** Freudiana a Primeira e a **Psicologia Individual** de Adler a Segunda.

A psicanálise

O pai da psicanálise foi Sigmund Freud, neurólogo austríaco nascido em 1859. A ideia central da psicanálise (análise da psiquê) é a ideia de inconsciente. Embora seja um conceito complexo, podemos entendê-lo como uma “parte” de nossa mente que o eu, a consciência, não controla. O homem, enquanto racional, vive e age por meio do consciente, alavancado pelas emoções, pelo inconsciente (ego, superego, id), conforme Freud.

A Psicologia Individual

Ainda que Adler tivesse desempenhado um papel importante no desenvolvimento da psicanálise com Freud, ele foi um dos primeiros a romper com a escola de pensamento e criar a própria, que ele chamou de Psicologia Individual. Uma das ideias mais influentes produzidas por essa escola de pensamento foi o conceito de complexo de inferioridade, que sugeria que a personalidade e o comportamento eram o resultado do trabalho das pessoas para superar um sentimento inerente de inferioridade.

Enquanto Freud acreditava que havia fatores biológicos universais que faziam a pessoa se comportar de determinadas maneiras, Adler acreditava que os comportamentos se baseavam nas experiências individuais e em fatores ambientais e sociais. A personalidade era determinada pelo confronto de forças sociais, profissionais e relacionadas com o amor.

Em essência, Adler acreditava que cada pessoa era única e que nenhuma das teorias anteriores poderia ser aplicada a todo mundo. Foi por esse motivo que Adler chamou sua teoria de “**Psicologia Individual**”. A teoria de Adler é extremamente complexa, pois abrange ampla variedade de temas psicológicos; no entanto, seu princípio central é bastante simples, pois segue uma única ideia: lutar pelo sucesso ou pela superioridade.

Já nos compêndios americanos, a logoterapia é entendida como pertencente à “terceira força”. A primeira força se refere à **psicanálise**, a segunda ao **behaviorismo** e a terceira, à **psiquiatria existencial**. Essa última ficou conhecida na Europa como Psicologia Humanística, termo criado por Charlotte Buhler, e abarcaria a Gestalt, a psicoterapia do diálogo, o psicodrama, a análise transacional e a logoterapia (LUKAS, 1989).

Os esquemas abaixo, apresentados por Lukas (1989) são bastante ilustrativos para que se compreenda o modo como as diferentes escolas de psicoterapia se distribuem.

Enquanto no primeiro desenho (gráfico 1), as três escolas (psicanálise, psicologia individual e logoterapia) se mostram equivalentes, no segundo (gráfico 2), referente à classificação norte-americana, há diferença nas tendências e número de adeptos de cada escola.

Nos Estados Unidos, a psicanálise passa, cada vez mais, para o segundo plano; a terapia comportamental ocupa uma posição média e a psicologia humanística inunda o mercado.

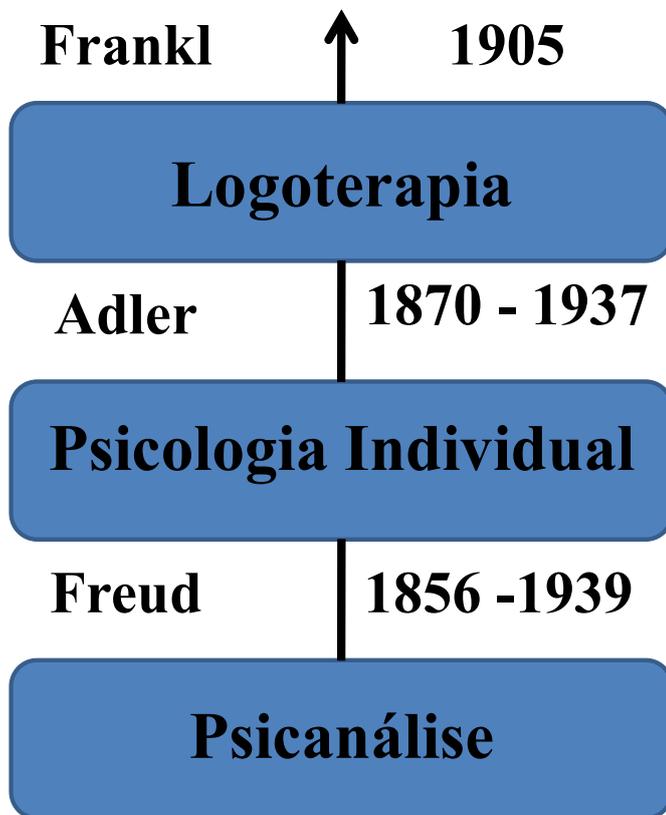


GRÁFICO 1. Classificação das três escolas de Viena, com os nomes de seus fundadores e as respectivas datas de nascimento e morte (LUKAS, 1989)

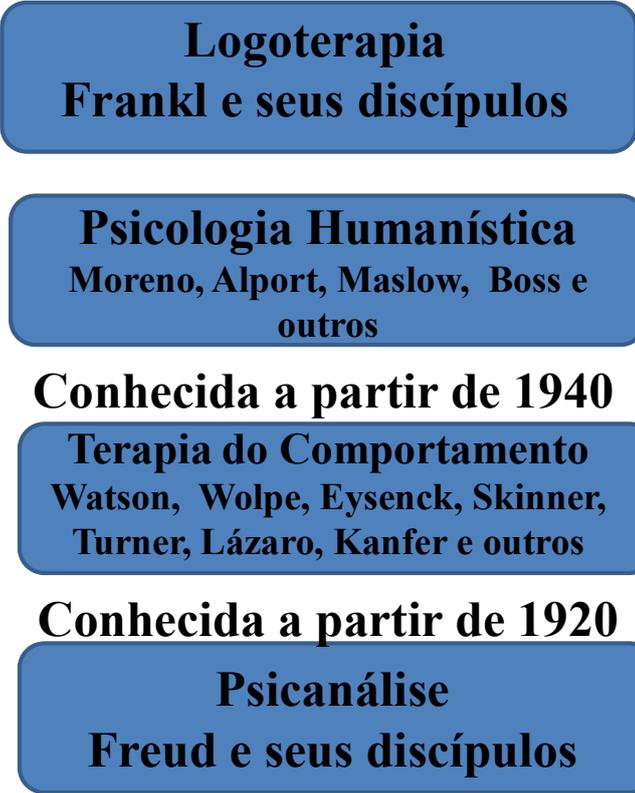
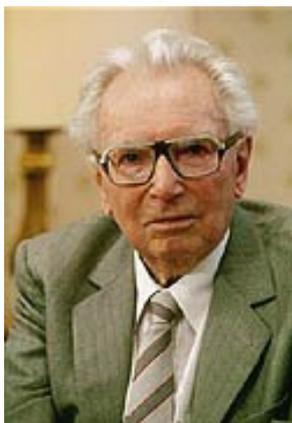


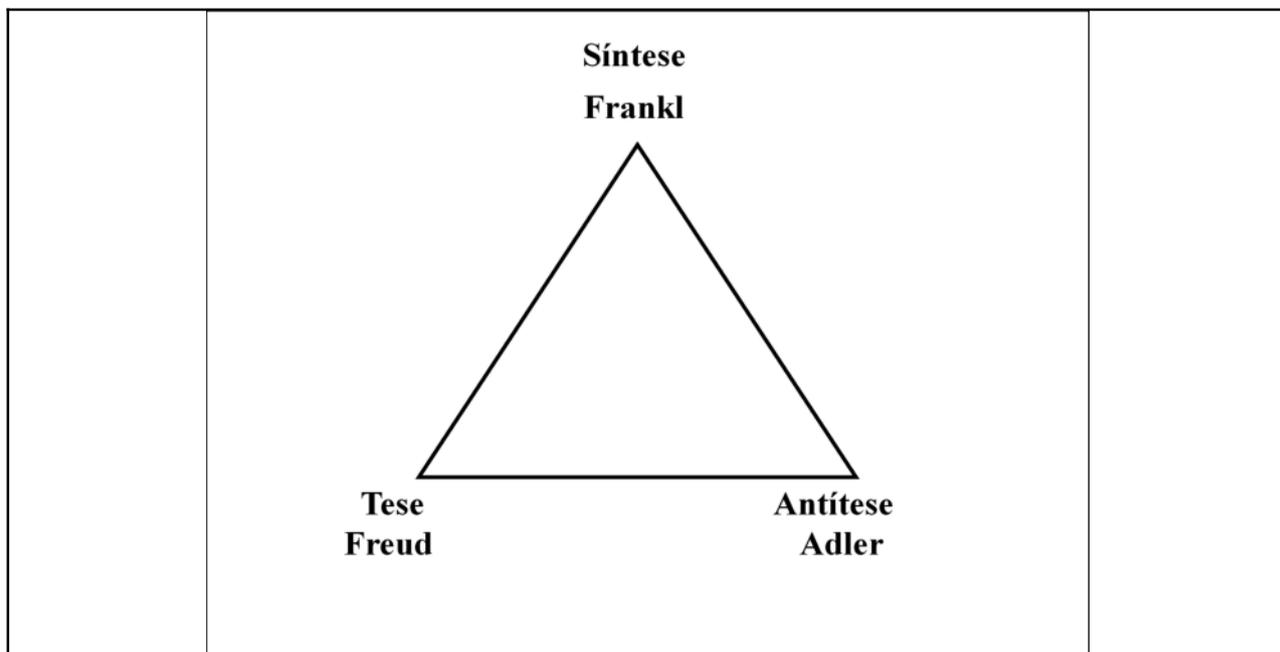
GRÁFICO 2. Classificação norte-americana da psicoterapia (LUKAS, 1989)

A **Logoterapia**, ou terapia do discurso, pode também ser definida como um conjunto de esquemas lógicos usados para desmontar os subterfúgios com que a mente doente procura iludir a questão decisiva: a busca do sentido.

A maioria das pessoas conhece **Viktor Frankl** como o autor de "*A Busca do Homem por Sentido*" e/ou como fundador da **Logoterapia**. Mas além desses dois aspectos de sua vida, Frankl é também conhecido como um filósofo, pensador e um observador do comportamento dos indivíduos e dos comportamentos e tendências da sociedade.



Nasceu em Viena, 26 de março de 1905. No início da década de 1920, quando tinha quinze anos de idade, Frankl passou a se corresponder com **Sigmund Freud**. Em 1921, deu sua primeira conferência, sobre o tema "*A respeito do sentido da vida*". Em 1925, como estudante de medicina, Frankl encontra-se pessoalmente com Freud e se aproxima do círculo intelectual liderado por **Alfred Adler**. No ano seguinte, ele é excluído da *Association de Psychologie Individuelle*, em razão de suas divergências com *Adler*.



De 1933 a 1936, Frankl é diretor do pavilhão das mulheres suicidas do *Hospital Psiquiátrico de Viena*. Quando os nazistas tomam o poder na Áustria, Frankl, correndo risco de vida, sabota as ordens que recebera de proceder à eutanásia de doentes mentais sob seus cuidados. Em 1942 sua família é deportada da Áustria pelos nazistas. Em 1945 Frankl é enviado para *Auschwitz*, recebendo a tatuagem de prisioneiro nº 119.104. Subsequentemente, será enviado para outros campos de concentração. Libertado quando do fim da guerra, Frankl toma conhecimento de que sua mulher morreu de esgotamento simultaneamente à liberação do campo de Bergen-Belsen.

Nos 25 anos subsequentes à guerra, Frankl será o diretor da policlínica de neurologia de Viena. Em 1948, obtém seu doutorado em filosofia com o tema: "*O Deus inconsciente*". Em 1955, torna-se professor de neurologia da Universidade de Viena. Em 1970, em San Diego, Califórnia (em cuja universidade federal passara a lecionar), é fundado o primeiro instituto de logoterapia do mundo.

Nos Estados Unidos - país em que também lecionou como professor visitante nas Universidades de Harvard, Dallas e Pittsburgh - a figura de Frankl atingiu notoriedade mundial, a despeito de suas teses contrariarem as correntes psicanalíticas tradicionais e dominantes.

Escreveu mais de 32 livros sobre **análise existencial** e **logoterapia** e os livros Viktor Frankl foram traduzidos em mais de 30 idiomas. Frankl recebeu o título de doutor honoris causa de diversas instituições de ensino do mundo inteiro, inclusive da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Brasil. Como conferencista, Frankl visitou muitos países ao longo de sua vida, tendo passado pelo Brasil em 1984 (Porto Alegre), 1986 (Rio de Janeiro) e 1987 (Brasília).

No seu trabalho *Philosophie und Psychotherapie. Zur Grundlegung einer Existenzanalyse* ("Filosofia e Psicoterapia: sobre a fundação de uma análise existencial"), de 1939, ele cunha a expressão "*Análise existencial*". No seu livro *A Busca do Homem por Sentido* (publicado pela primeira vez em 1946), Frankl relata suas experiências como interno de campo de concentração, descrevendo seu método psicoterapêutico para encontrar sentido em todas as formas de existência (mesmo as mais sórdidas) e, daí, uma

razão para continuar vivendo. Em suas próprias palavras "O homem, por força de sua dimensão espiritual, pode encontrar sentido em cada situação da vida e dar-lhe uma resposta adequada.

Em "*O Deus inconsciente*", Frankl repudia a psicanálise tradicional, declarando que "*Degradando o 'eu' em simples epifenômeno, Freud, por assim dizer, traiu o 'eu' em favor do 'isso'; mas ao mesmo tempo ele, por assim dizer, insultou o inconsciente, vendo nele nada além do que é do 'isso' - o instintivo - deixando escapar aquilo que é do 'eu' - o espiritual*".

Em 1951, no seu livro *Logos und Existenz* ("O logos e a existência") Frankl completa os fundamentos antropológicos da Logoterapia.

Frankl costuma falar de uma **vontade de sentido**, a contrastar com o princípio do prazer (ou, como também poderíamos chamá-lo, a **vontade de prazer**) no qual repousa a psicanálise freudiana, e contrastando ainda com a **vontade de poder**, enfatizada pela psicologia adleriana através do uso do termo "busca de superioridade".

Os três Pilares da Logoterapia:

1. **Vontade de Sentido**
2. **Vontade de Prazer**
3. **Vontade de Poder**

Segundo Frankl, existiria no ser humano um desejo e uma **vontade de "sentido"**. Ele percebe que seus pacientes não sofrem exclusivamente de **frustrações sexuais** (Freud) ou de **complexos como o de inferioridade** (Adler), mas também do que reputa ser o **vazio existencial**. Para o analista, a neurose revelaria antes de mais nada um ser frustrado de sentido, o que o levou a concluir que a exigência fundamental do homem não é nem a emancipação sexual, nem a valorização do self, mas a "*plenitude de sentido*". Segundo Frankl, a compensação sexual não seria nada além de um Ersatz⁵ para com a falta de sentido existencial. Por isso, conclui: "o terapeuta não pode negligenciar a espiritualidade do analisado e a logoterapia passa a estar centrada no inconsciente espiritual, mais do que nas pulsões". [Pulsão].⁶

Em sua obra **Em Busca de Sentido** (1984) Frankl diz que o sucesso, como a felicidade, não pode ser perseguido; ele deve acontecer, e só tem lugar como efeito colateral de uma dedicação pessoal a uma causa maior que a pessoa, ou como subproduto da rendição pessoal a outro ser.

⁵ *Ersatz* é uma palavra alemã cujo significado literal é **substituto**. Embora seu uso em inglês seja o de adjetivo, em alemão *Ersatz* só existe como substantivo de próprio direito ou em aglutinação com outras palavras tais como *Ersatzteile* (peças de substituição) ou *Ersatzspieler* (jogador suplente). Embora em inglês tal termo frequentemente implique a inferioridade ou a qualidade insatisfatória da substituição, o mesmo não acontece necessariamente em alemão.

⁶ **Pulsão** (al. *Trieb*, ing. *drive*) designa em psicologia um impulso energético interno que direciona o comportamento do indivíduo. O comportamento gerado pelas pulsões diferencia-se daquele gerado por decisões, por ser aquele gerado por forças internas, inconscientes, alheias ao processo decisional. A pulsão distingue-se do instinto, por este ser ligado a determinadas categorias de comportamentos pré-estabelecidos e realizados de maneira estereotípica, enquanto aquela refere-se a uma fonte de energia psíquica não específica, que pode conduzir a comportamentos diversos. O conceito de pulsão foi utilizado por diferentes teorias da motivação, sendo as mais importantes a de Sigmund Freud e a de Clark L. Hull.

Segundo a teoria de Frankl a motivação básica do comportamento do indivíduo é uma busca pelo sentido para sua vida e que a finalidade da terapia psicológica deve ser ajudá-lo a encontrar esse significado particular. A liberdade do homem de escolher seu próprio destino e o caminho a seguir, em qualquer circunstância deve ser respeitada. De acordo com a logoterapia (Logos definido como "*significado*"), **o desejo de encontrar um significado para sua vida é a motivação fundamental no ser humano**. Para Frankl, a principal preocupação do homem é estabelecer e perseguir um objetivo, e é esta busca que é capaz de dar sentido à sua vida, fazendo para ele valer a pena viver, e não a satisfação de seus instintos e o alívio de tensões como sustenta a psicanálise ortodoxa. Não se trata, portanto, de um sentido para a vida em termos gerais, mas um sentido pessoal para a vida de cada indivíduo, que este escolhe, mas também pode criar.

Implicações do reconhecimento do sentido:

- Transitoriedade da vida;
- Buscar encontrá-lo;
- Assumir as rédeas;
- Construção da **autonomia** em oposição ao **totalitarismo/conformismo**.

O Conceito Fundamental da Logoterapia é o tripé:

- 1. O Sentido para a vida;**
- 2. A Vontade do Sentido;**
- 3. A Liberdade da Vontade.**

Frankl teorizou que o indivíduo pode encontrar um sentido para sua vida por três vias:

(1) criando um trabalho ou realizando um feito notável, ou ao sentir-se responsável por terminar um trabalho que depende fundamentalmente de seus conhecimentos ou de sua ação,

(2) experimentando um valor, algo novo, ou estabelecendo um novo relacionamento pessoal. “Este é também o caso de uma pessoa que está consciente da responsabilidade que tem em relação a alguém que a ama e espera por ela”; e

(3) pelo sofrimento, adotando uma atitude em relação a um sofrimento inevitável, se tem consciência de que a vida ainda espera muito de sua contribuição para com os demais. Nestes três casos, a resposta do indivíduo então deixa de ser a perda de tempo em conversas e meditação, e se torna a ação correta e a conduta moral objetiva.

A segunda maneira de encontrar um sentido na vida é experimentando algo – como a bondade, a verdade, a beleza – experimentando a natureza e a cultura ou, ainda, experimentando outro ser humano em sua originalidade única, amando-o.

O amor “é a única maneira de captar outro ser humano no íntimo da sua personalidade” (Frankl, 1991, p.100), na sua singularidade. E continua (p.100):

Ninguém consegue ter consciência plena da essência última de outro ser humano sem amá-lo. Por seu amor, a pessoa se torna capaz de ver os traços característicos e as feições essenciais do seu amado; mais ainda, ela vê o que está potencialmente contido nele, aquilo que ainda não está, mas deveria ser realizado. Além disso, através do seu amor, a pessoa que ama capacita a pessoa amada a realizar estas

potencialidades. Conscientizando-a do que ela pode ser e do que deveria vir a ser, aquele que ama faz com que estas potencialidades venham a se realizar.

Viktor Frankl amou profundamente sua primeira esposa, com quem estabelece este diálogo espiritual; e também sua segunda esposa, com quem conviveu de forma feliz e produtiva por 52 anos.

Vale destacar ainda que a visão frankliana de ser humano defende duas características antropológicas: a **autotranscendência** e o **autodistanciamento**. A primeira se refere ao “fato de que o ser humano sempre aponta e se dirige para algo ou alguém diferente de si mesmo — seja um sentido a realizar ou outro ser humano a encontrar” (Frankl, 2008, p. 135). Ou seja, implica dizer que o ser é impelido a se voltar para algo ou alguém que não si mesmo. A essência de sua existência não está em si mesmo, muito menos se fecha perante seus condicionamentos biopsicossociais; pelo contrário, transcende, está fora dele, se abre ao mundo. Quanto mais a pessoa esquece de si mesma, dedicando-se a uma causa ou a alguém, mais humana se torna. Ela não se fecha em condicionamentos, mas os transcende (Frankl, 2008, 2011; Silveira & Mahfoud, 2008).

Segundo Frankl (2011), duas manifestações da capacidade de autotranscendência do ser humano são a consciência e o amor. Enquanto este “constitui a capacidade de apreender outro ser humano em sua genuína singularidade [...] [aquele] encerra a capacidade de apreender o sentido de uma situação em sua total unicidade” (Frankl, 2011, p. 29). Em outro escrito, Frankl (2005) chega a se referir ao amor como a própria capacidade de autotranscendência: “o amor é na verdade um aspecto do fenômeno humano mais amplo que eu comecei a denominar autotranscendência” (p. 73).

Pereira (2007) diz que a formulação a respeito da “*vontade de sentido*” deve ser entendida historicamente, pelo sistemático descontentamento de Frankl com seus primeiros mentores. Fosse em *Sigmund Freud* ou em *Alfred Adler*, a pergunta radical sobre uma orientação última, ou uma motivação primeira para a vida humana parecia insuficiente. Frankl considerava que tanto o **princípio do prazer** de Sigmund Freud quanto o **status drive** de *Alfred Adler* falham justamente quando oferecem um ponto de vista análogo ao do funcionamento homeostático⁷ da redução de tensões em favor da restauração de um equilíbrio interno. Ignora-se aí o fato antropológico fundamental da autotranscendência da existência humana, cuja principal manifestação é exatamente a **vontade de sentido**.

A autotranscendência assinala o fato antropológico fundamental de que a existência do homem sempre se refere a alguma coisa que não ela mesma - a algo ou a alguém, isto é, a um objetivo a ser alcançado ou à existência de outra pessoa que ele encontre. Na verdade, o homem só se torna homem e só é completamente ele mesmo quando fica absorvido pela dedicação a uma tarefa, quando se esquece de si mesmo no serviço a uma causa, ou no amor a outra pessoa. É como o olho, que só pode cumprir sua função de ver o mundo enquanto não vê a si próprio (Frankl, 1991, p. 18).

Frankl critica também a ideia geral da “*hierarquia das necessidades*” de *Abraham Maslow*, afirmando que o preenchimento vertical dessas necessidades não é de muita ajuda, quando o que se procura é encontrar sentido: não se trata de ordenar as necessidades

⁷ Significado de *homeostático*. O que é *homeostático*: Elemento instável por natureza, no ambiente em que se encontra.

em maiores ou menores, e, sim, de identificar qual delas tem sentido, um objetivo por trás de sua realização. Na Logoterapia, a classificação que Maslow faz das necessidades “não explica o fato de que, quando as mais baixas não são satisfeitas, uma necessidade mais elevada, o desejo de sentido, pode transformar-se na mais urgente de todas” (Frankl, 2005, p. 27).

Pereira (2007) diz que na medida em que compreende a existência-espiritual humana como “*autotranscendente*”, Frankl deixa claro que o sentido potencial de uma situação vivida não guarda relações de necessidade com qualquer compromisso com a autoconservação ou com um ideal direto de enriquecimento egóico⁸ solipsista.⁹ Ele reposiciona as noções de “bem” decorrentes de uma ética contemporânea cujos ideais parecem ser uma felicidade individualizada e um prazer ensimesmado, recolocando-os num patamar de efeitos colaterais. Entre prazer ou felicidade e ação humana, há uma ideia de dignidade ou merecimento que só é inteligível quando a realização do sentido aparece como fim em si mesmo: só a reboque da satisfação encontrada desse modo é que a felicidade e o prazer se fundamentam como dignos de ser.

Já o autodistanciamento é entendido como a capacidade puramente humana de distanciar-se de si mesmo. É possível fazer uma escolha em relação a si mesmo, ainda que haja condicionamentos presentes. Assim, existe dentro de si a potencialidade de resistir corajosamente às piores situações, como aconteceu com Frankl e tantos outros no campo de concentração. Aqui o autodistanciamento está relacionado ao **heroísmo**, mas também pode se manifestar por meio do **humor** ou, mais especificamente, da capacidade de rir apesar do sofrimento (Frankl, 2011).

Origem do nome

O termo "logos" é uma palavra grega que significa "sentido". Assim, a "Logoterapia concentra-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por este sentido" (Frankl).

"Para a Logoterapia, a busca de sentido na vida da pessoa é a principal força motivadora no ser humano... A Logoterapia é considerada e desenhada como terapia centrada no sentido. Vê o homem como um ser orientado para o sentido". (Frankl).

Utilização

O homem sempre procurou dar um sentido à sua vida e aprofundar-se em sua existência. A frustração dessa necessidade é um sintoma do nosso tempo. O sofrimento e a falta de sentido configuram o vazio existencial que muitos experimentam. Para esse mal, Frankl foi desenvolvendo durante décadas a Logoterapia.

⁸ Relativo ao ego.

⁹ Solipsismo. Filosofia. Teoria filosófica segundo a qual nada existe fora do pensamento individual, sendo a percepção (das coisas e/ou das pessoas) uma impressão sem existência real.

Frankl não pretendeu "suplantar a Psicoterapia vigente, mas complementá-la e completar também o conceito de ser humano – mais indispensável às ciências do homem do que o método e técnicas corretas". A Logoterapia busca restituir a imagem do homem superando reducionismos, faz uma proposta que não se limita à Psicologia, mas abrange todas as áreas da atividade humana, e busca resgatar aquilo que é especificamente humano na pessoa.

Apesar de marcar suas divergências com a Psicanálise e a Psicologia Individual, não se deve pensar que Frankl esquecia as contribuições destas grandes escolas. Veja-se o que ele afirma nas primeiras linhas, do primeiro parágrafo, de seu primeiro livro escrito, publicado em 1946:

Como falar de psicoterapia sem citar os nomes de um Freud e um Adler? Seria impossível, com efeito, tratar de um problema de psicoterapia sem tomar como ponto de partida a psicanálise e a psicologia individual e sem fazer constante referência a eles. Pois não é em vão que se trata dos dois únicos grandes sistemas no campo psicoterápico. Não é possível apagar mentalmente da história da psicoterapia a obra de seus criadores, obra que podemos qualificar de histórica no melhor sentido da palavra, porém também no sentido do que já passou à história, ou seja, do que foi superado e ultrapassado pelo curso ulterior dos acontecimentos (Frankl, 1967, p. 11).

A Logoterapia busca consolidar e fixar o paciente, de imediato, no ponto central do seu ser, que é, e não por coincidência, também o ponto mais alto. Eis aí por que é inútil buscar provas teóricas do sentido da vida: ele não é uma máxima uniforme, válida para todos — é a obrigação que cada um tem de transcender-se. Discutir o sentido da vida sem realizá-lo seria negá-lo; e, uma vez que começamos a realizá-lo, já não é preciso discuti-lo, porque ele se impõe com uma evidência que até a mente mais cínica se envergonharia de negar.

LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL¹⁰

O termo "logos" é uma palavra grega que significa "sentido". Assim, a "Logoterapia concentra-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por este sentido" (Frankl).

A convicção de que a realidade podia ser explicada, dominou a filosofia clássica e teve seu auge em Hegel que, embora tenha mudado a epistemologia e metodologia da busca do conhecimento, em seu idealismo, ainda sustentava essa perspectiva. Com Soren Kierkegaard (1813-1855), todavia, essa concepção foi deixada de lado, perdeu-se a esperança de um conhecimento unificado e o homem passou a ser visto com poder de escolher a própria existência (SCHAEFFER, 2002a). Para Kierkegaard, “a subjetividade é a verdade, a subjetividade é a realidade”.

Já no final do Século XIX, início do século XX, Edmundo Husserl (1859-1939), questionou a cisão entre sujeito e objeto prevalecente na busca do conhecimento, e passou a apresentá-los não mais como realidades independentes, mas que se constituem

¹⁰ <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2529>.

mutuamente. Em sua visão “a consciência não era o conjunto das apreensões da experiência, como queria o empirismo e nem um *a priori* idealista, mas um processo de dupla constituição, um fazer-se contínuo, uma relação homem-mundo” (LAPORTE, VOLPI, 2000, p. 14).

O clima de perplexidade causado pela implosão dos valores da cultura ocidental resultante das 1ª e 2ª Guerras Mundiais, ocasionou um retorno ao pensamento kierkegaardiano (também conhecido como “*Kierkegaard Renaissance*”). Isto, juntamente com a influência dos pensamentos fenomenológicos de Husserl, propiciou a eclosão, em vários lugares da Europa, do existencialismo, que surgiu como,

Uma reflexão sobre o homem e o vivido que tinha em comum a existência como modo de ser do homem no mundo e o mundo, não como algo já constituído, mas como manifesto ao homem condicionando suas possibilidades” (LAPORTE, VOLPI, 2000, p. 20).

No modo de pensar existencialista, como afirma Sartre, “a existência precede a essência” e “o homem nada mais é do que aquilo que faz de si mesmo”. Outros existencialistas, mesmo os que não estejam muito ligados ao ateísmo, entendem que o homem tem a vida para ser vivida e é livre para escolher o caminho que irá seguir. Além disso, a humanidade existe para experimentar as realidades da existência, sejam elas agradáveis ou dolorosas. “Existimos e, mediante nossa capacidade de decidir, tornamos-nos, essência” (HURDING, 1995, p.146).

A expansão do existencialismo e a presença de fortes componentes psicológicos em autores como Kierkegaard e Jaspers, influenciou a prática psicoterapêutica, resultando no surgimento das chamadas psicologias existenciais como as desposadas por Carl Rogers, Rollo May e Viktor Frankl.

Particularmente, a psicologia existencialista de Viktor Frankl, cuja profunda afinidade com o judaísmo e cristianismo não pode ser negada, foi certamente influenciada pelo teísmo de Kierkegaard, mas também evidencia uma herança da fenomenologia de Edmund Husserl e Max Scheler, em especial quando se observa sua ênfase na busca por significado e valores.

A teoria desenvolvida por Viktor Frankl desenvolveu uma nova visão de homem como base de uma psicoterapia e teve influências significativas do pensamento de existencialista e fenomenólogos do século XX.

FENOMENOLOGIA

O termo fenomenologia foi criado no século XVIII, por J. H. Lambert, para designar o estudo puramente descritivo dos fenômenos, da forma como eles se apresentam à consciência (CHAUÍ, 1994 *apud* SURDI, 2008). Já como corrente filosófica, a fenomenologia foi fundada por Edmund Husserl, na Alemanha, entre o fim do século XIX e começo do XX.

O termo é formado por duas partes, ambas de origem grega: *fenômeno* significa “aquilo que se mostra” e *logia*, pode ser entendida como pensamento ou capacidade para refletir (SURDI; KUNZ, 2009).

Tal corrente filosófica surgiu como uma nova forma de acesso e conhecimento do mundo, que se opunha à visão positivista, para apenas em seguida se tornar um movimento dentro da filosofia, em que diferentes pensadores passaram a ter uma atitude própria de conhecimento e pesquisa de seus objetos de estudo (XAUSA, 1988).

A proposta principal do movimento fenomenológico é a de “voltar às coisas mesmas”, ou seja, ir aos fenômenos. Esses seriam tudo aquilo que se mostra à consciência humana. E este “caminho” para os fenômenos deveria ser direto, sem a influência de análises reflexivas ou explicações científicas (SURDI, 2008).

O retorno às mesmas coisas procura também abandonar a separação entre sujeito e objeto do conhecimento, na medida em que o objeto é sempre objeto para a consciência de um sujeito. É a intencionalidade da consciência humana que dá o direcionamento para alcançar o essencial do fenômeno, processo denominado de redução fenomenológica. Essa redução requer a suspensão de atitudes, crenças, preconceitos, teorias, de forma que se concentre apenas na experiência cotidiana, no mundo vivido, permitindo que o fenômeno fale por si mesmo (SURDI, 2008), para além de sua aparência (XAUSA, 1988).

Ao aplicar o método fenomenológico na psicologia alcança-se a pessoa olhar ingênuo, despido de uma imposição ideal. Dessa forma, a aplicação do método fenomenológico na psicoterapia é uma tentativa de compreensão do homem, antes de colocá-lo como objeto de estudo. E tal compreensão só é possível na relação interpessoal, no encontro terapêutico, em que, ao mesmo tempo, descobre-se a si mesmo e o outro. Prioriza-se aqui a comunicação, o entendimento direto, evitando-se o apoio em conceitos absolutos.

No caso da logoterapia, Frankl (1978, p. 21) afirma o uso da análise fenomenológica:

O logoterapeuta, na verdade, não obedece a considerações moralistas, apenas fenomenológicas. Não faz julgamento de valor, limita-se a registrar os valores vivenciados pelo homem comum, o qual não perde de vista a relação com o sentido da vida, do trabalho, do amor, e, *last but not least*, do valoroso sofrimento que resiste a tudo.

"Para a Logoterapia e Análise Existencial, a busca de sentido na vida da pessoa é a principal força motivadora no ser humano"... "A Logoterapia é considerada e desenhada como **terapia centrada no sentido**. Vê o homem como um ser orientado para o sentido". (Frankl).

O homem sempre procurou dar um sentido à sua vida e aprofundar-se em sua existência. A frustração dessa necessidade é um sintoma do nosso tempo. O sofrimento e a falta de sentido configuram o **vazio existencial** que muitos experimentam. Para esse mal, Frankl foi desenvolvendo durante décadas a Logoterapia e Análise Existencial.

Frankl não pretendeu "suplantar a Psicoterapia vigente, mas complementá-la e completar também o conceito de ser humano - mais indispensável às ciências do homem do que o método e técnicas corretas". A Logoterapia e Análise Existencial busca restituir a imagem do homem superando reducionismos, através de sua visão bio-psico-espiritual.

A Logoterapia e Análise Existencial do Dr. Frankl vem com a proposta de uma escola psicoterápica que pretende superar o reducionismo e condicionamentos, contribuindo com uma visão do ser humano mais completa, de um ser livre e responsável, que constrói a sua história, que se posiciona diante dos condicionamentos biológicos, psicológicos e sociológicos. Traz uma teoria mais otimista e humanizadora.

Faz uma proposta que não se limita à Psicologia, mas abrange todas as áreas da atividade humana e busca resgatar aquilo que é especificamente humano na pessoa, **sua liberdade** para além das circunstâncias, **sua responsabilidade** perante algo ou alguém e a **autotranscendência** como ser dirigido para além de si, aberto para encontrar sentido em qualquer situação e realizar valores.

FILOSOFIA E ANTROPOLOGIA COMO BASES DA PSICOTERAPIA

“A tese que nos serviu de ponto de partida: Ser homem é ser livre e ser responsável” (V. E. Frankl)

Frankl, por ser neurologista e psiquiatra, tinha muito presente as dimensões física e psíquica do ser humano, e sua estreita relação - seu *paralelismo*. Ele tinha também grandes conhecimentos filosóficos, propugnando para o ser humano uma outra dimensão "com um âmbito independente, próprio e que tem suas próprias leis" (Frankl, 1991a, p. 117), capaz de, por meio da "*capacidade de oposição do espírito*", antagonizar-se com o que se pode denominar a *dimensão psicofísica*. A logoterapia afirma que esta *antagonização* é possível mesmo em vivências de sofrimento e na proximidade da morte, por meio do valor de atitude (Kroeff, 1998; 2000a). É compreensível, então, que Frankl visse na filosofia e na antropologia as bases da sua psicoterapia. Considerem-se as frases a seguir: "*Não há psicoterapia sem uma teoria do homem e uma filosofia de vida embasando-a. Intencionalmente ou não intencionalmente, a psicoterapia é baseada nelas*" (Frankl, 1970, p. 15); e "*As implicações clínicas da logoterapia derivam-se, na verdade, de suas implicações antropológicas*" (Frankl, 1970, p. 99).

Frankl não podia ser mais claro e explícito: é na imagem de homem e na sua filosofia de vida que temos a chave para a psicoterapia. E sobre isto, veja-se o que oferece a logoterapia: "**O conceito de homem da logoterapia está baseado em três pilares, a liberdade da vontade, a vontade de sentido, e o sentido da vida**" (Frankl, 1970, p. 16).

Os três pilares da logoterapia são:

- 1. Liberdade da Vontade;**
- 2. Vontade de Sentido;**
- 3. Sentido da Vida.**

Liberdade da Vontade

A liberdade da vontade é um dos pilares da logoterapia e tem sido tratada por filósofos e pensadores de todas as épocas, que debatiam em torno da seguinte questão: “de que modo o homem é realmente livre”? (LUKAS, 1989).

Quintanar (2011) esclarece que liberdade da vontade equivale à liberdade que o homem tem para decidir de forma consciente, dentre as possibilidades que cada situação oferece; uma liberdade que existe, pelo menos, potencialmente (LUKAS, 1989).

“Potencialmente”, porque a liberdade humana é limitada, já que o homem não é livre de certas condições fatais – biológicas, sociais e econômicas –, que escapam de seu poder. No entanto, Frankl (1970 apud LUKAS, 1989) defende que ele é livre para se posicionar diante delas, de forma que, dentro das possibilidades oferecidas pelo ambiente, caberia a cada um decidir por sua submissão, ressignificação e decisão a favor ou contra a influência do meio.

Vontade de Sentido

Ao contrário do que defendiam Freud e Adler, para Viktor Frankl (1978), o que impulsiona de fato o homem não é nem **a vontade de prazer** nem **a vontade de poder**, mas sim aquilo que chamou de **vontade de sentido**.

Essa vontade, essa busca de um sentido para a vida é a expressão do que de mais humano há no homem, pois só ele, dentre todos os animais, é capaz de vivenciar a existência como algo problemático (FRANKL, 2003b).

Essa irrepitibilidade do sentido, somada ao fato do homem ser sempre único, oferece um caráter de absoluto a cada missão ou tarefa que cada homem e mulher se propõem. Isso pode trazer uma sensação de abismo, diante da responsabilidade que se deve ter por cada situação da vida, cada momento em que se realiza, mas ao mesmo tempo se perde uma possibilidade (FRANKL, 2003b).

A conclusão encontrada por ele é a de que a vida tem sentido, não só apesar da finitude, mas por causa dela. Pois é justamente o fato de termos um tempo e possibilidades limitadas em nossa vida que oferecem sentido ao fato de emprendermos, realizarmos algo.

Em uma história em quadrinhos, o famoso personagem Snoopy aparece chorando, porque sua vida é vazia e sem sentido, até que apareça Charlie Brown, trazendo uma vasilha com ração. Imediatamente Snoopy exclama: “Ah! Sentido!”. Frankl (1990) explica que o humor da história está no fato de que, embora a comida seja necessária para a sobrevivência, ela não é condição suficiente para a vida ter sentido. Frankl afirma a capacidade do homem de resistir ao pandeterminismo, ao mesmo tempo em que exerce com responsabilidade a sua liberdade, tendo como motivação primária e básica o desejo de encontrar sentidos, os quais são alcançados pela realização de valores. Sua proposta de imagem de homem afasta-se das visões biologistas, psicologistas e sociologistas, pois, como diz Fizzotti, *"estas esforçam-se por reduzir o homem a um esquema demasiado simples: instinto, autômato com simples reflexos, mecanismo anímico, resultado de forças produtivas e econômicas"* (Fizzotti, 1981, p. 42). Não é uma questão de negar estas forças, mas de não supervalorizá-las:

O logoterapeuta não esquece a condição psíquica e psicofísica do homem, sua estrutura pulsional, a importância da infância, do ambiente e do que aprendeu no passado. Porém, completa este esquema antigo afirmando no homem uma dimensão espiritual;

dentro desta dimensão, o homem pode fixar uma tarefa por si mesma, e não para resolver suas tensões internas, pode realizar esta tarefa porque a considera justa e importante, e não porque lhe permite satisfazer seus desejos ou diminuir o peso de suas aspirações sociais. A logoterapia, portanto, substitui a fórmula nihilista de que o homem ‘é somente’ (um animal mais evoluído, um produto do acaso...) pela fórmula positiva de que o homem é ‘muito mais do que’... (Lukas, s/d, p. 52).

Sentido da Vida

O sentido de vida, diz respeito à atribuição de um significado para a vida do ser humano. Esse sentido é único, por diferir de pessoa para pessoa, e mutável, por mudar de situação para situação, de dia para dia ou até de hora para hora. Ou seja, cada um tem sua missão, tem um sentido específico, singular e irrepetível (Frankl, 2003), em dada situação da sua vida. Assim, “não pode haver algo como um sentido universal da vida, mas apenas os sentidos únicos das situações individuais” (Frankl, 2011, p. 73). Além disso, o sentido é algo concreto, objetivo, que o sujeito pode realizar, “não significa algo abstrato; ao contrário, é um sentido totalmente concreto, o sentido concreto de uma situação com a qual uma pessoa também concreta se vê confrontada” (Frankl, 2007, p. 101).

Embora o sentido possua essas características, isso não impede que as situações tenham componentes similares, que existam sentidos em comum, partilhados na sociedade, inclusive, historicamente. Tais sentidos são entendidos por Frankl como valores, os quais são definidos como “aqueles universais de sentido, que se cristalizaram nas situações típicas que a sociedade — ou, até mesmo — a humanidade tem de enfrentar” (Frankl, 2011, p. 74). Assim, Frankl (2003, 2008, 2011) classifica valores através de três categorias, o que vem a constituir a segunda tríade da Logoterapia:

- 1. Valores de criação**, criando um trabalho ou praticando um ato;
- 2. Valores de experiência** (ou vivência), experimentando algo ou encontrando alguém;
- 3. Valores de atitude**, pela decisão que tomamos perante o sofrimento inevitável.

A depender das circunstâncias, um valor pode ter mais sentido de ser realizado do que outro. Em um momento da vida, o trabalho pode nos exigir mais; em outro, a experiência de amar e/ou ser amado pode ser mais significativa. E quando nada restar, o valor estará na coragem e atitude perante o sofrimento (Frankl, 2011). É fundamental deixar claro que valores são abstratos e universais enquanto o sentido é algo concreto, objetivo, que o sujeito pode realizar em uma situação única. O sentido é aquilo que é preciso fazer diante de cada situação que se apresenta diante do homem.

A PSICOLOGIA PASTORAL E A LOGOTERAPIA

A Teoria de Viktor Emil Frankl

O conceito de “logoterapia” foi usado pela primeira vez em 1926, e é a aplicação clínica da análise existencial, ampliando “o escopo da psicoterapia para além da *psiquê*, ultrapassando a dimensão psicológica, a fim de incluir a dimensão noológica, ou o *logos*”.¹¹

A noologia diz respeito ao estudo da compreensão que a mente tem da vida.¹²

Frankl foi um crítico tanto da teoria freudiana, com sua tendência de desvalorizar humanidade, quanto do pensamento adleriano, com sua perpetuação do destaque de Freud ao instinto. Assim mesmo, ele procurou estabelecer uma psicoterapia que fosse construída sobre os alicerces da psicanálise de Freud e da psicologia individual de Adler. Essa “Terceira Escola Vienense de Psicoterapia”.¹³

A teoria de Viktor Emil Frankl, conhecida como **logoterapia ou psicologia do sentido da vida**, assenta-se em pressupostos humanístico-existenciais. Ela teve início em meio às catástrofes da Segunda Guerra Mundial e ao sofrimento passado em quatro campos de concentração nazista. Naquele cenário, Frankl encontrou, além da confirmação de sua interpretação da obra de Sigmund Freud a sua singular contribuição no campo do conhecimento, no qual defende a existência de seres humanos voltados para a vontade de sentido (*Sinnggebung*). Dizia ele, na esteira de Nietzsche, que “quem tiver um por-que-viver suporta quase sempre o como-viver”...

Quem conhece um sentido para a sua vida encontra, na consciência desse fato, mais do que em outra fonte, ajuda para a superação das dificuldades externas e dos desconfortos internos. Disto se infere a importância que tem, sob o aspecto terapêutico, a ajuda a ser prestada ao homem no afã de encontrar o sentido de sua existência e de nele acordar, enfim, o desejo do sentido (Sinnggebung) (FRANKL, 1991, p. 32).

Na busca de um sentido para a vida, o autor teria por objetivo delinear uma condição humana não mais voltada para a vontade de prazer (Freud) ou de aspiração ao êxito material e de poder (Adler). Mais que isso, de acordo com Xausa (1986), a teoria frankliana não foi um fenômeno isolado da conjuntura perversa que se firmou no século XX em plena segunda guerra mundial; ela teria sido a “antítese” das “teorias e terapias reducionistas do século passado”, expressando, com contundência, uma originalidade científica e um campo fundamental para o sentido da vida de cada ser humano. Para o autor: **a teoria de Frankl, a psicologia do logos**, foi um feliz caminho que se abriu “para sanar as angústias causadas pelo vazio existencial gerado por transtornos psicológicos específicos” daquela época (XAUSA, 1986, p. 14).

A contundente prova da proposta de Frankl teve como alicerce a sua experiência nos campos de concentração nazista. Filho de pais judeus, não demorou muito para que o espectro construído por Hitler chegasse em sua casa e arrombasse os alicerces da família Frankl. Tal como sua família, o neuropsiquiatra foi preso e, tal como a maioria dos judeus,

¹¹ HURDING, Roger. A ÁRVORE DA CURA. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 148.

¹² Noologia. S.f. - ciência que estuda a interação entre a vida psíquica e a espiritual.

¹³ HURDING, Roger. Op. Cit., p.148.

sofreu os horrores levados a efeito pelos alemães nazistas e judeus que se renderam á causa alemã.

A abordagem ontológica do ser humano aprofundada por Frankl na Logoterapia, tem por fundamento compreender homens e mulheres em sua totalidade. Parte o autor da aceção básica de que **o ser humano é bio-psico-sócio-espiritual [bio-psico-sócio-noético]**, necessitado de liberdade e constituído pela capacidade de suportar o sofrimento, mesmo quando a vida parece longe de qualquer significado. É na obra de Frankl que encontraremos frágeis, mas voltadas para a realização do sentido e a efetivação do valor, ações consideradas normais e primárias da humanidade. Como visto anteriormente, os seres humanos, notadamente nos dias de hoje – e daí a atualidade do pensamento de Frankl – não pode ser reduzido à **busca de prazer**, tal como ocorria nos tempos de Freud, tampouco pela **vontade de poder**, fato hoje largamente estudado pelo campo da psicologia individual, cognitiva e de corte behaviorista. O neuropsiquiatra está longe disso, apostando que a neurose coletiva e as patologias de toda ordem estão relacionadas à falta de sentido (noos) e, por ressonância, ao vazio existencial aberto por ela:

O homem de hoje, ao contrário do que ocorria nos tempos de Sigmund Freud, já não é sexualmente frustrado, mas existencialmente frustrado. E hoje sofre menos do que no tempo de Alfred Adler, de um sentimento de inferioridade do que de um sentimento de falta de sentido, precedido por um sentimento de vazio, de um vazio existencial para sua vida (FRANKL, 1991, p. 155).

Contudo, a inserção de Frankl no cenário da psicologia social pode ser percebida, entre outros aspectos, através de suas reflexões sobre o caráter missionário de cada ser humano, partindo do entendimento de que cada ser é uma unidade na multiplicidade e um ser que possui a necessidade de engajamento pessoal na sociedade da qual faz parte.

Como ressaltado, a proposta da Logoterapia é a de perceber a ontologia humana, não de maneira abstrata e genérica, mas em um mundo circundante que o acolhe e aninha. Na medida em que se desenvolve física, psíquica e espiritualmente, homens e mulheres tomam consciência do “eu” e da existência singular em mundo concreto marcado por diversos valores que possibilitam escolhas e posicionamentos diferentes. Para viver, contudo, é fundamental a manutenção da liberdade, da singularidade e responsabilidade.

A Logoterapia baseia-se no conceito de que a vida possui um sentido (logos: sentido/ terapia: cura). Está fundamentada no respeito ao ser humano e na sua reumanização. Nesse sentido, ela amplia a visão do ser humano como um ser único, responsável e capaz de posicionar-se diante dos condicionamentos da vida, justamente porque possui uma dimensão espiritual que comporta as outras dimensões (psicológica, social e física) (FIZZOTTI, 1977a).

Todavia, a Logoterapia não pode ser entendida como uma substituição das outras terapias, mas sim como uma complementação e entendimento alternativo das condições subjetivas e objetivas da humanidade.

Não há dúvida que a Logoterapia tornou-se um modelo, um sistema, um caminho a seguir no campo das ciências humanas e sociais. No caso da psicologia, ela nasceu tanto pela necessidade do preenchimento do “vazio existencial” presente na ontologia do ser humano, como da necessária visão que busca as ciências do espírito em oferecer uma aceção completa do ser humano.

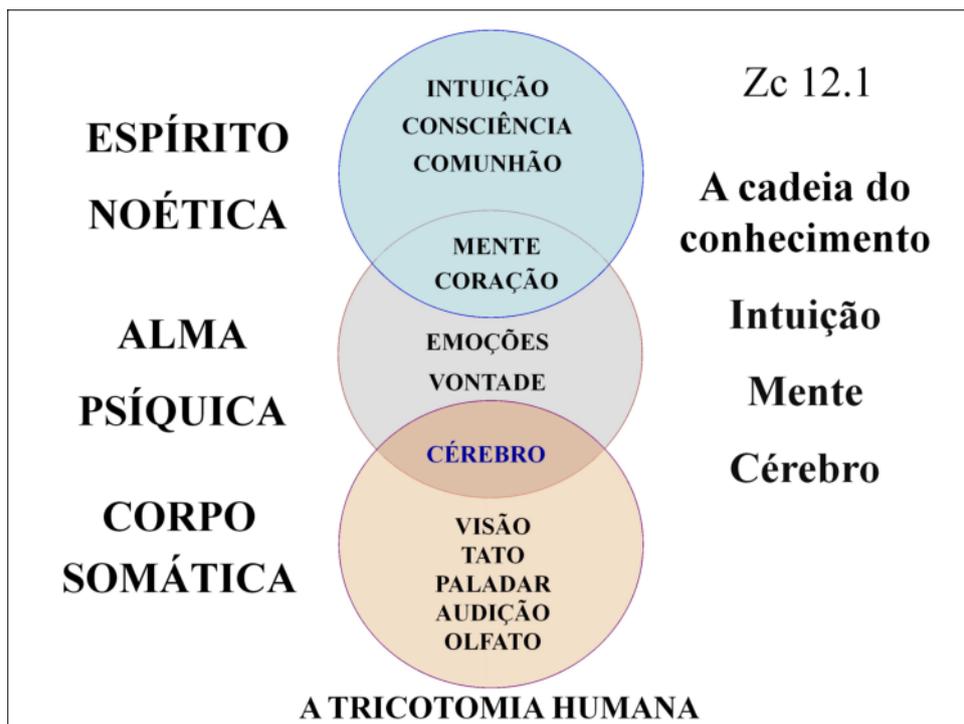
Como a Psicologia Pastoral é a via do aconselhamento bíblico tem o seu cordão umbilical ligado à Logoterapia de Frankl. A Logoterapia enxerga o homem como uma **unidade pneumapsicossomática**, porém vê esta unidade pelo prisma das três dimensões: **espírito, alma e corpo**.

Frankl observa que é preciso distinguir pelo menos três dimensões da realidade:¹⁴

1. A somática ou orgânica;
2. A psíquica ou psicológica e;
3. Noética¹⁵ ou espiritual.

“A logoterapia oferece uma filosofia de vida e um método de aconselhamento que se harmoniza mais com uma visão da vida basicamente cristã do que com qualquer outro sistema existente no mundo terapêutico atual”.¹⁶

“O homem, enquanto racional, vive e age por meio do consciente, alavancado pelas emoções, pelo inconsciente (ego, superego, id), conforme Freud. Aqui, a psicanálise estacionou. A *noologia*¹⁷ procura estender e integrar ao conhecimento psicanalítico divergente e, ao mesmo tempo, engessado em um círculo vicioso (Valério Albesi) a espiritualidade, presente unicamente no ser humano”.



“Teilhard de Chardin, ao descrever a evolução da vida, cunhou o termo **noosfera**, a esfera do pensamento e do espírito humano, um nível abstrato formado pelo conhecimento autônomo e organizado numa rede de conexões infinitas, uma boa previsão do fenômeno

¹⁴ LESLIE, Robert C. JESUS e a logoterapia. São Paulo: Editora PAULUS, 2013, p. 49

¹⁵ A **noética** (do grego nous: mente) é uma disciplina que estuda os fenômenos subjetivos da consciência, da mente, do espírito e da vida a partir do ponto de vista da ciência. Como conceito filosófico, em linhas gerais define a dimensão espiritual do homem.

¹⁶ LESLIE, Robert C. Op. Cit., p. 15.

¹⁷ Noologia. S.f. - ciência que estuda a interação entre a vida psíquica e a espiritual.

da internet e da noética contemporânea. Novos dados para a estruturação da noética vieram do filósofo Henry Bergson, líder da escola intuicionista, atribuindo à intuição um papel superior na aquisição de verdadeiro conhecimento”.¹⁸

"As raízes da psicologia moderna estão assentadas em tradições espirituais, precisamente porque a própria psique está plugada em fontes espirituais. Nos mais profundos recessos da psique, não se encontram instintos, mas o Espírito - e o ideal é que o estudo da psicologia seja o estudo de *tudo* isso, do corpo para a mente e daí para a alma, do subconsciente para o autoconsciente e daí para o superconsciente, do estado de sono para o semidesperto e daí para o plenamente desperto".¹⁹

É importante destacar aqui que Frankl entende a alma (psique) como parte do organismo psicofísico, o qual ele diferencia da pessoa espiritual (noética). Não se pode, porém, atribuir às suas ideias quaisquer semelhanças com a compreensão dicotômica (corpo e alma ou espírito) e tricotômica (corpo, alma e espírito), da constituição do ser humano, esposadas por alguns teólogos, pois **a unicidade da pessoa humana é enfaticamente afirmada por este autor**. Por outro lado, esta relação dependência-conflito remete a descrição paulina da luta entre o seu interior e sua carne: “Porque, no tocante ao homem interior tenho prazer na lei de Deus; mas vejo nos meus membros, outra lei que guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros” (Romanos 7.22-23).

Outro aspecto importante do pensamento de Frankl é a compreensão de que a verdadeira aspiração do homem não é de prazer e sim de valor, que a existência humana se realiza na medida em que cumpre obrigações e exigências e realiza sentido e valores. Sem dúvida esta perspectiva se choca frontalmente contra qualquer perspectiva hedonista oriunda de outras escolas psicoterapêuticas e até mesmo grande parte dos filósofos existenciais. O próprio Frankl sinaliza que, de fato em alguma medida se distancia do existencialismo. Essa ideia de valores e obrigações a cumprir não é de modo nenhum estranho ao Cristianismo que defende a existência de valores absolutos, ao contrário da cosmovisão relativista contemporânea.

A qualidade peculiarmente humana do homem não se encontra no físico nem no psíquico, mas no espírito.²⁰ A dimensão espiritual que Frankl designa como “noética” denota a faculdade de tomar decisões, de assumir responsabilidades. É a capacidade de responsabilizar-se que distingue o homem do animal. A ênfase no noético (isto é, no espiritual, não necessariamente no religioso) é uma das contribuições mais importantes da logoterapia. Nas palavras de Frankl:

“A logoterapia se afasta da psicanálise na medida em que, para ela, o homem é um ser cuja inquietação principal consiste em encontrar um sentido e realizar valores, e não na mera

¹⁸ wikipedia.org/wiki/Noética.

¹⁹ WILBER Ken. PSICOLOGIA INTEGRAL. São Paulo, SP: EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA, 2009, p. 9.

²⁰ A **noética** (do grego nous: mente) é uma disciplina que estuda os fenômenos subjetivos da consciência, da mente, do espírito e da vida a partir do ponto de vista da ciência. Como conceito filosófico, em linhas gerais define a dimensão espiritual do homem.

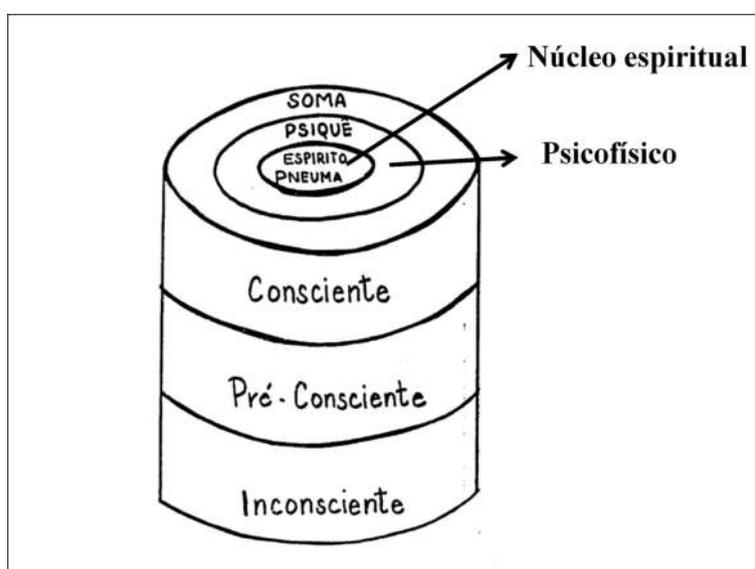
gratificação e satisfação de impulsos e instintos, na mera conciliação dos clamores conflitantes do id, do ego e do superego ou na mera adaptação e ajustamento à sociedade e ao ambiente”.²¹

Segundo as definições de Viktor Frankl, fundador da Logoterapia,

“Homem e animais são constituídos por uma dimensão biológica, uma dimensão psicológica e uma dimensão social, contudo, o homem se difere deles porque faz parte de seu ser a dimensão noética. Em nenhum momento o homem deixa as demais dimensões, mas a essência de sua existência está na dimensão espiritual. Assim, a existência propriamente humana é existência espiritual. Neste sentido, a dimensão noética é considerada superior às demais, sendo também mais compreensiva porque inclui as dimensões inferiores, sem negá-las - o que garante a totalidade do homem”.²²

A dimensão noética seria, então, uma dimensão não determinada, mas determinante; a dimensão da unicidade, da identidade mais profunda do ser humano, implicando também a transcendência livre, criativa e responsável das limitações. Frankl assinala que ela é necessariamente inconsciente, pois impulsiona a pessoa para fora e para além de si mesmo, onde a consciência do eu deixa de existir e todo o interesse se volta para o outro. A dimensão noética pode se manifestar de várias formas - no trabalho e no amor altruístas, na intuição verdadeira e na experiência religiosa. Para Husserl, a noética, além de ser a dimensão espiritual, é o fator determinante na atribuição de significado à experiência.

A visão de Frankl sobre a ontologia humana é expandida ainda mais com sua ênfase na importância do inconsciente. Ao contrário de freudismo tradicional, ele inclui o aspecto espiritual, bem como o instintivo, dentro do conceito de inconsciente. Podemos representar suas ideias sobre a estrutura da pessoa de forma simplificada utilizando o diagrama abaixo:



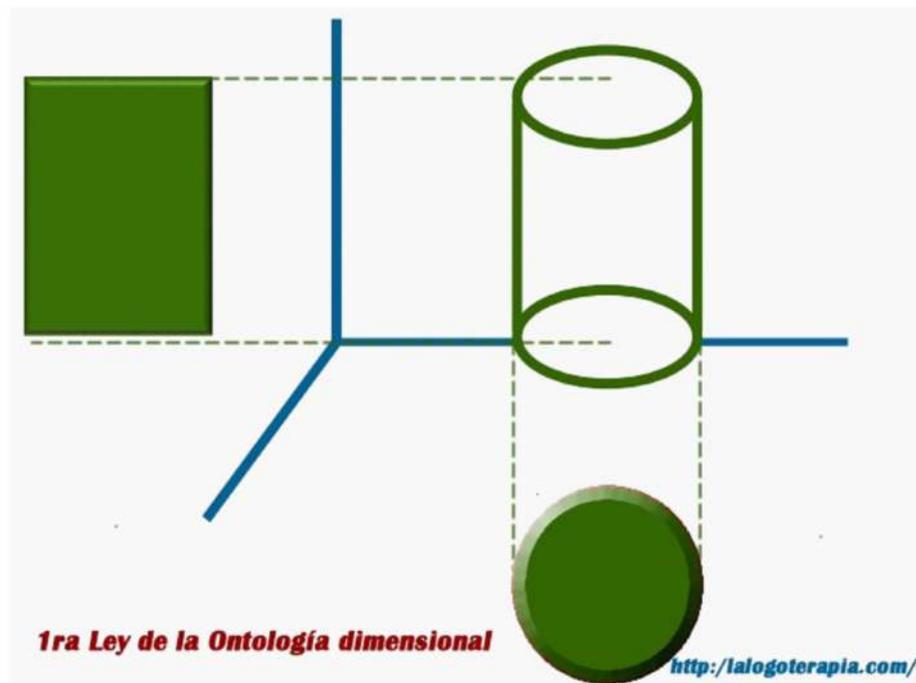
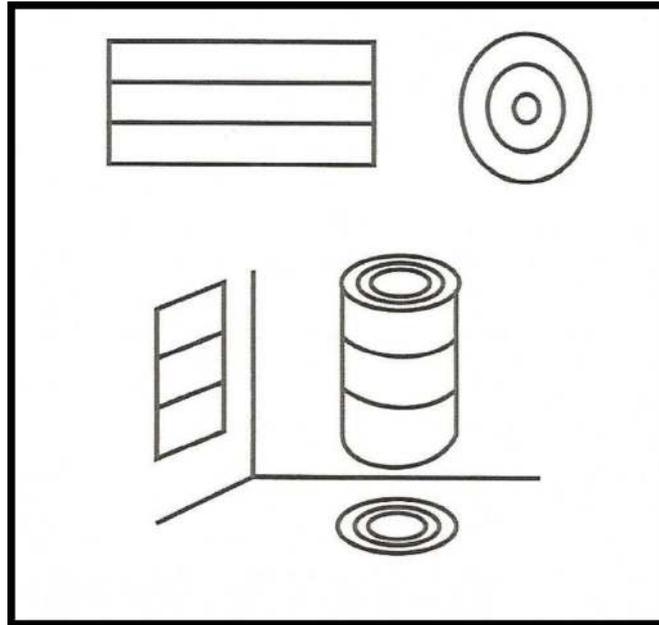
A Logoterapia tem quatro pilares fundamentais, O homem é:

1. Biológico;
2. Sociológico;
3. Psicológico e;

²¹ LESLIE, Robert C. Op. Cit., p. 50.

²² wikipedia.org/wiki/Noética.

4. Pneumatológico (Espiritual).



A Logoterapia como psicoterapia existencial, trabalha com a pessoa humana dotada da dimensão noética, no sentido da filosofia ontológica de Heidegger e da fenomenologia²³ existencial.

Frankl explica esta diversidade ontológica do homem (corporal, psíquico e espiritual), lançando mão do que ele chama de **ontologia dimensional**. Assim como um copo projetado sobre a mesa em que repousa resultará em um círculo, enquanto que sua projeção no plano vertical resultará em um retângulo, sem que, com isso, se compreenda

²³ **Fenomenologia** é o estudo de um conjunto de fenômenos e como se manifestam, seja através do tempo ou do espaço. É uma matéria que consiste em estudar a essência das coisas e como são percebidas no mundo.

que estas figuras compõem o copo, assim também o homem não é composto por corpo, alma e espírito. Antes, são estas, dimensões do homem. Embora a dimensão espiritual seja a dimensão específica do homem, ela não é a única dimensão, já que o homem é uma unidade corpora, psíquico, espiritual. Há também que se entender, afirma Frankl, que se a pessoa é **indivisível**, *in-dividuum*, é também **infundível**²⁴, *in-summabile*, isto é, também não pode se fundir. É unidade e totalidade. É a **Unidade Pneumapsicossomática**.

O psíquico e o somático (físico), conquanto formem uma unidade íntima, nem por isso representam a mesma e a única realidade. A unidade psicossomática, também, não constitui sua totalidade, a menos que se acrescente o espiritual como terceira realidade. Esta realidade constitui a dimensão específica de sua existência.

No esquema dimensional de Frankl, o verdadeiramente humano só pode ser concebido a partir da dimensão espiritual. Enquanto a vida vegetativa possa ser explicada dentro da dimensão corporal e a vida animal dentro da psíquica, a existência humana não pode ser presumida a partir desta bidimensionalidade. Pode sim, ser projetada nesta relação bidimensional, mas como no caso do copo, citado anteriormente, a projeção sacrifica uma das duas, pois se projeta naquela imediatamente inferior.

Este reducionismo, isto é, esta projeção do ser humano em uma realidade bidimensional ocasiona ambiguidades e contradições. A ambiguidade se deve ao fato de que coisas diferentes podem ser representadas da mesma forma em uma única projeção (figura 1a), e as contradições porque uma mesma coisa pode ser representada de maneira diferente em projeções diferentes (figura 1b).

Os fenômenos humanos, segundo Frankl, se tornam ambíguos quando projetados num plano meramente psíquico-corporal. Santas e histéricas estarão num mesmo plano, e não será possível fazer nenhum diagnóstico diferencial entre louco e profeta. Sacrifica-se a transcendência do mundo por um supermundo.

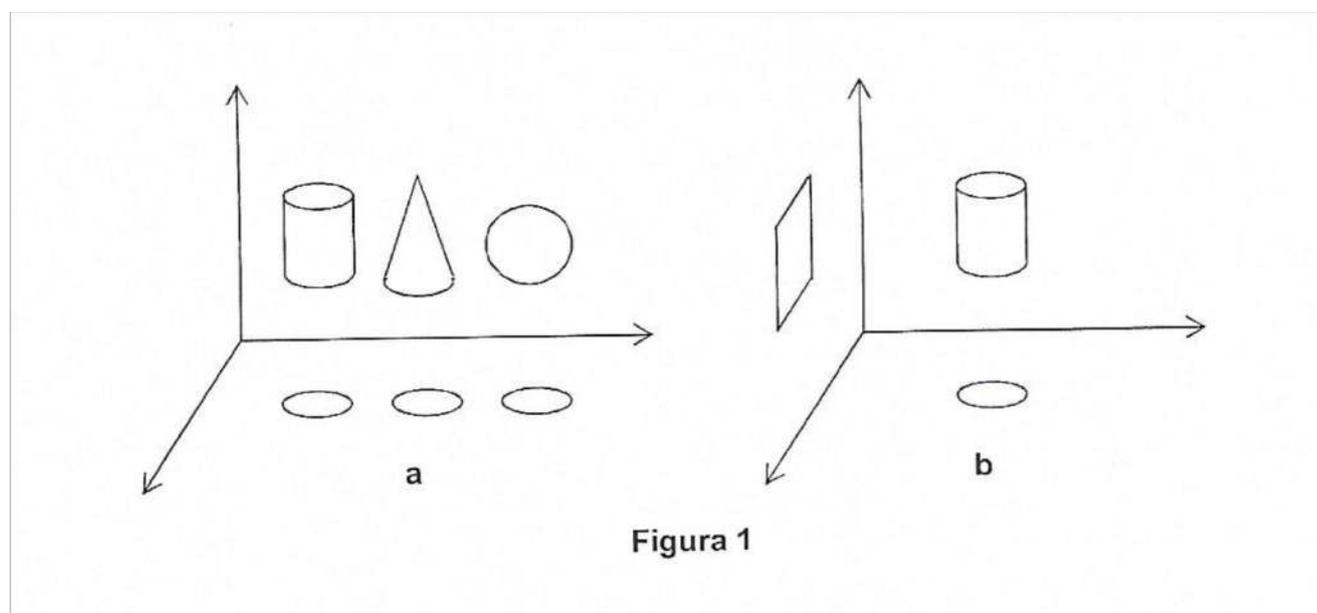


Figura 1

²⁴ **Infundível.** É o sinônimo de infusível que significa aquilo que não se pode fundir.

Ao se observar a figura b, é possível ver um cilindro projetado, representado **como um retângulo numa dimensão e como um círculo em outra. Quando se imagina este cilindro como sendo um copo e considerando a sua projeção no plano horizontal este se revelará como um círculo fechado, apesar de este copo na dimensão superior (terceira dimensão ou espaço), ser aberto possibilitando integrar algo. Com relação ao homem, a concepção é a mesma. Se considerada a dimensão espiritual como o espaço do humano será possível dissolver algumas contradições consequentes da sua projeção bidimensional.**

Frankl afirma:

Naturalmente um avião não deixa de ser avião, ainda que só esteja taxiando na pista: ele pode, mais ainda, ele deve tornar a taxiar continuamente na pista! Mas o fato de ser avião só fica demonstrado quando ele voa. Analogamente o homem só começa a se comportar como homem quando pode sair do plano da facticidade organísmicopsicofísica e ir ao encontro de si mesmo, sem por isso ter de fazer frente a si mesmo. Esse poder é o que significa “existir”; “existir” quer dizer: estar sempre acima de si mesmo (1995, p.75).

Frankl afirma que há, dentro da espiritualidade humana, algo como uma espiritualidade inconsciente que é a fonte e a raiz de toda espiritualidade consciente. Há, portanto, além do inconsciente instintivo, o espiritual. Relacionando os dois, ele diz: “O ego não é dominado pelo id; apesar disso, o espírito é sustentado pelo inconsciente”. E ainda: “Efetivamente o que se chama consciência atinge profundidade inconsciente e deita raízes numa base inconsciente” (1995, p.79). Segundo o autor, é preciso considerar a consciência como irracional, alógica, ou pré-lógica, pois existe uma compreensão pré-moral de valores que precede essencialmente toda moral explícita, isto é, a consciência.

Podemos citar neste contexto noético a Inteligência Espiritual:

A Inteligência Espiritual²⁵

No início do século XX, o QI (Quociente de Inteligência) tornou-se assunto constante de conversas. Nossa inteligência intelectual, ou racional, é a que usamos para solucionar problemas lógicos ou de grande importância. Psicólogos desenvolveram testes para avaliá-la, e estes tornaram-se instrumentos para classificar o grau de inteligência dos indivíduos, indicando suas habilidades e talentos. Quanto mais alto o QI do indivíduo, dizia a teoria, maior sua inteligência

Em meados da década de 1990, Daniel Goleman popularizou pesquisas realizadas por diversos neurocientistas e psicólogos, demonstrando que a inteligência emocional – que, como abreviação conveniente, chamamos de QE nos dá percepção de igual importância. O QE nos dá percepção de nossos sentimentos e dos sentimento dos outros. Dá-nos empatia, compaixão. Motivação e capacidade de reagir apropriadamente à dor e ao prazer. Conforme observou Goleman, o QE constitui requisito básico para o emprego efetivo do QI. Se estão lesionadas as áreas cerebrais com as quais *sentimos*, nós *pensamos* com menos eficiência.

²⁵ ZOHAR, Danah; MARSHALL, Ian. INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL. Rio de Janeiro: Viva Livros, 2012, p. 18-21.

No fim do século XX, um conjunto de dados científicos, ainda não assimilados, mostrou-nos que há um terceiro “Q”. A descrição total da inteligência humana pode ser finalmente completada com a discussão da inteligência espiritual ou, abreviadamente, **QS** – Quociente Espiritual (Spiritual Quocient). Por QS nos referimos à inteligência com que abordamos e solucionamos problemas de sentido e valor; a inteligência com a qual podemos inserir nossos atos e nossa vida em um contexto mais amplo, mais rico, mais gerador de significado; a inteligência com a qual podemos avaliar que um curso de ação ou caminho na vida faz mais sentido do que outro. O Quociente Espiritual (QS) é o embasamento necessário para o funcionamento eficaz do QI e do QE. É a nossa inteligência final. Daí o relacionamento da noologia frankliana com o QS.

Nem o QI nem o QE, separadamente ou combinados, são suficientes para explicar a enorme complexidade da inteligência humana nem a riqueza da alma do homem e de sua imaginação. O QS permite que seres humanos sejam criativos, mudem as regras, alterem situações. Permite-nos trabalhar com limites, participar do “jogo infinito”. O QS nos dá capacidade de escolher. Presenteia-nos com um senso moral, uma capacidade de amenizar normas rígidas com compreensão e compaixão, bem como com a capacidade de saber quando a compaixão e a compreensão chegaram a seus limites. Usamos o QS para lutar com questões acerca do bem do mal, e imaginar possibilidades irrealizadas – sonhar, aspirar, superar situações difíceis.

A base do QS opera dentro do cérebro – das funções neurológicas unificadoras do cérebro – e integra todas nossas inteligências. O QS nos torna as criaturas plenamente intelectualizadas, emocionais e espirituais que somos.

Em condições ideais, as três inteligências básicas funcionam juntas e se apóiam mutuamente. O modo como funciona nosso cérebro permite que elas tenham condições de fazer isso, mas todas – o QI, o QE e o QS – apresentam uma área própria em que são mais fortes e podem também funcionar separadamente. Isto é, não somos necessariamente poderosos ou fracos em todas as três ao mesmo tempo. Não precisamos ter um poderoso QI ou QS para termos um QE alto. Poderemos ser fortes em QI e fracos em QE, e assim por diante.

TRÊS PROCESSOS PSICOLÓGICOS

Toda a psicologia tem por fundamento dois processos (QI e QE). A inteligência espiritual (QS) introduz um terceiro e, portanto exige expansão da psicologia como ciência e uma compreensão mais profunda do Eu humano.

Inicialmente, Freud definiu os dois processos psicológicos como primário e secundário. O primeiro está associado ao Id, aos instintos, ao corpo, às emoções e ao inconsciente. O segundo está ligado ao Ego, à mente consciente, racional. Para Freud, este último era o mais alto, superior: “Onde o Id era, o Ego será”. Outros autores, seguindo Freud, enfatizaram ocasionalmente a maior importância do processo primário. Toda psicologia subsequente, porém, incluindo a ciência cognitiva, manteve a estrutura dos dois

processos. O processo primário poderia ser denominado QE (com base na “fiação neural associativa” do cérebro e o secundário, QI (com base na “fiação neural serial” do cérebro).

Fundamentada como está nesses dois processos, a psicologia ocidental, na verdade interpõe um **espaço vazio**, um buraco, no centro do Eu. Os processos primário e secundário rivalizam entre si por controle e expressão. Nem a razão nem as emoções podem apelar para qualquer outra coisa além de si mesma. Não têm origem comum, por meio da qual possam ser integradas e transformadas. Não incluem uma dimensão transpessoal. O eu jungiano ou “função transcendental” jungiana, constitui uma tentativa de estabelecer uma ponte entre as duas margens. A neurobiologia porém, ainda não havia se desenvolvido o suficiente durante a vida de Jung (falecido em 1961) e não podia oferecer base científica para sua psicologia.

O QS (com base no terceiro sistema neural, as oscilações neurais sincronizadas que unificam os dados em todo o cérebro) oferece-nos, pela primeira vez, um terceiro e viável processo. Esse processo unifica, integra e reveste-se do potencial de transformar o material surgido dos outros dois processos (QI e QE). Facilita um diálogo entre a razão e a emoção, entre a mente e o corpo. Fornece um núcleo para crescimento e transformação, oferece ao Eu um centro ativo, unificador, gerador de sentido.

A descoberta de que o QS fornece à psicologia um processo terciário exige o desenvolvimento de um novo modelo psicológico do Eu e da personalidade humana. Os modelos anteriores tiveram duas “camadas”: a externa, ou a personalidade consciente, racional; e a interna, formada de associações e motivações, na maior parte inconscientes. O terceiro processo introduz uma terceira camada, um ponto central.

Danah Zohar afirma que o QS é aquele que repousa na parte mais profunda do Eu conectada com a sabedoria que nos chega de além do Ego ou da mente consciente. Nós diríamos que procede do espírito humano (na visão tricótoma) ou a dimensão noética da Logoterapia de Viktor Frankl. O QS é anterior a todos os valores específicos e a qualquer cultura específica. É por conseguinte, anterior também a qualquer forma que a expressão religiosa possa assumir. Torna possível (e talvez até mesmo necessário) o religioso, mas independe da religião.

Interpretação Psicológica do Fenômeno Religioso²⁶

Várias teorias, desde então, têm surgido como tentativa de interpretação do fenômeno religioso. Apresentaremos, a seguir, algumas das teorias que consideramos mais representativas.

Entre as muitas interpretações psicológicas do fenômeno religioso, salientamos as que nos parecem mais importantes:

- a) Para **Freud**, a religião nada mais é do que a projeção infantil da imagem paterna. Ela é uma ilusão, não porque seja má em si, mas porque tende a levar o homem a fugir de sua realidade e contingência humanas.
- b) Para **Jung**, a experiência religiosa resulta do inconsciente coletivo, que por sua vez, é composto de energias dinâmicas e de símbolos de significação universal. A experiência religiosa é fundamental ao funcionamento harmonioso do psiquismo e ajuda o homem a compreender realidades do universo que não podem ser conhecidas de outras maneiras.
- c) Para **Allport**, a experiência religiosa é algo essencialmente pessoal, sujeito às leis de evolução psicológica, e seu aspecto intelectual é mais importante do que emocional. A religião é fator importantíssimo na integração da personalidade. Ele diz que religião é o esforço do homem para unir-se à criação e ao Criador com o fim de ampliar e completar sua própria personalidade.
- d) Para **Anton Boisen**, a experiência religiosa tem basicamente a mesma dinâmica da esquizofrenia. Diz ele que tanto a esquizofrenia como a experiência religiosa profunda são tentativas à integração do "eu". Quando a personalidade se vê ameaçada ao ponto de sua desintegração, recorre ao método mais eficaz para evitar a catástrofe.

MATURIDADE RELIGIOSA²⁷

Maturidade religiosa implica na convicção da existência de um Ser Supremo e de ideias básicas sobre a vida e o universo. Essa convicção dá suficiente **sentido à vida** do homem e leva-o a um comportamento moral consistente com sua filosofia de vida e suas crenças religiosas.²⁸

Finalmente, a maturidade religiosa caracteriza-se pela capacidade de amar o próximo, de ser humilde, de ser criativo, de ajustar-se socialmente e de ser consagrado aos objetivos supremos da vida como concebidos pelo indivíduo.²⁹

Assim como há a possibilidade de um ser humano atrofiar-se no processo do seu desenvolvimento físico e mental, isto também pode acontecer com relação à sua experiência religiosa. Alguns amadurecem e produzem frutos espirituais; outros permanecem imaturos e grandemente estéreis.

Maturidade religiosa não pode ser definida em separado da maturidade emocional do homem, se bem que tenha suas características distintivas.

²⁶ ROSA, Merval. PSICOLOGIA DA RELIGIÃO. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1971, p. 57-71.

²⁷ ROSA, Merval. PSICOLOGIA DA RELIGIÃO. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1971, p. 143-155.

²⁸ Ibid, p. 154.

²⁹ Ibid, p. 154.

Dentre os numerosos autores que direta ou indiretamente falaram sobre maturidade religiosa, salientamos os seguintes:

1. Para **Freud**, a religião madura é aquela que é capaz de sintetizar instintos, razão e consciência e de levar o homem a uma compreensão adulta da realidade, livrando-o de desejos e dependências infantis, tornando-o cômico da diferença entre aquilo que é e aquilo deve ser.

2. Para **Jung**, a pessoa religiosamente amadurecida é aquela que experimenta a verdade espiritual num nível tão profundo que essa experiência, embora inefável, torna-se não só a fonte de autoridade para a pessoa, mas o próprio **leit motiv** de sua existência.

3. Para **Erich Fromm**, a religião amadurecida é a do tipo humanista, que por sua conceituação, será livre de fantasias infantis, caracterizada por profundo amor ao próximo, mística em sua natureza mais profunda, humilde e cheia de simpatia para como semelhante.

4. No dizer de **William James**, o verdadeiro santo, que para ele significa a pessoa amadurecida, é aquele que sente fazer parte de um universo muito mais amplo do que seus mesquinhos interesses pessoais ou, por outra palavras, é o indivíduo que possui uma consciência cósmica. A religião amadurecida é aquela que dá ao homem o verdadeiro senso de liberdade, ou como disse Jesus Cristo: "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" (Jo 8.32).

5. Para **Victor Frankl**, a religião amadurecida será aquela que dá ao indivíduo uma razão para viver, apesar da tragédia pessoal ou dos infortúnios da existência. Será aquela religião capaz de tornar o homem responsabilmente livre e de levá-lo a dedicar-se integralmente a uma causa suprema que se constitui o centro de sua lealdade.³⁰

A importância de Frankl para a psiquiatria contemporânea é muito grande, especialmente porque ele buscou a base de sua teoria na experiência própria, num campo de concentração, durante a Segunda Guerra Mundial. O movimento por ele iniciado chama-se Logoterapia e baseia-se no pressuposto de que o problema essencial da existência humana é o sentido da própria vida. Enquanto o homem tiver uma razão para viver, terá esperanças mesmo em face da situação mais desesperadora da vida. Se o homem tiver um porquê, será capaz de suportar qualquer como, dizem os logoterapeutas.

É verdade que Frankl não se dirige diretamente ao assunto de maturidade religiosa, mas, de seus ensinamentos psicoterapêuticos, podemos inferir certos princípios e normas de avaliação da maturidade religiosa de uma pessoa. Na opinião de Frankl, o mundo padece de quatro sintomas fundamentais. a saber: tem uma atitude de indiferença para com a vida e falta de planos definidos para o futuro, porque o mundo moderno, especialmente a Europa, vive sob o peso de uma destruição atômica. Essa indiferença e incerteza de sobrevivência do homem moderno levam-no a uma atitude fatalista para com a vida em geral. O terceiro sintoma é o que ele chama de pensamento coletivo, isto é, em sua tentativa de fugir ao aniquilamento, o homem massifica-se, pensa o que os órgãos de propaganda de qualquer agência dizem e vende sua expressão pessoal por qualquer migalha de aceitação pelo grupo. O quarto sintoma de que fala Frankl é o fanatismo que

³⁰ A **Logoterapia** é um sistema teórico – prático de psicologia, criado pelo psiquiatra vienense **Viktor Frankl**, que se tornou mundialmente conhecido a partir de seu livro "Em Busca de Sentido" (Um Psicólogo no Campo de Concentração) no qual expõe suas experiências nas prisões nazistas e lança as bases de sua teoria.

predomina na vida do homem moderno. Esse fanatismo expressa-se tipicamente em certos jargões e frases "clichês" que nem sempre se relacionam com os fatos, mas que lhe oferecem certo senso de segurança e continuidade com o grupo humano a que deseja pertencer.

Baseado nos pontos acima mencionados, Strunk infere que, para Frankl, a religião amadurecida tem duas características fundamentais: Em primeiro lugar, ela conterà os ingredientes que ajudam o homem a encontrar significação no viver, especialmente em face do sofrimento. E, em segundo lugar, a religião amadurecida dará ênfase à liberdade do homem e exigirá dele responsabilidade e dedicação.³¹

CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA LOGOTERAPIA (Revisão)³²

A definição de Logoterapia, segundo Viktor Frankl, vem do seu próprio nome. Logos significa em grego "sentido". Portanto logoterapia significa "cuidar do sentido". Sentido como significado, meta ou finalidade, sendo esta a principal força motivadora no ser humano. Assim, a Logoterapia se baseia no confronto do paciente com o sentido de sua vida e o reorienta para o mesmo.

Nossas projeções das dimensões biológicas, psicológicas e sociais se expressam em uma dimensão espiritual que se totaliza na nossa existência. Essa dimensão, na logoterapia, também é chamada de "noética".³³ É somente nessa dimensão que o indivíduo pode sair de suas condicionalidades e visualizar o seu sentido.

A Vontade de Sentido

A busca da pessoa por um sentido é a motivação primária em sua vida. Esta busca não é algo aprendido, condicionado ou objeto de sua consciência. Ela está na pessoa como mola impulsora de sua existência. O sentido é único e específico para cada um e deve ser vivido somente por aquele indivíduo.

Os seus princípios morais nada mais são do que a concretização da sua decisão de aceitar e seguir o sentido que os contém.

Frustração Existencial e Neuroses Noogênicas

A vontade de sentido também pode ser frustrada; nesse caso a Logoterapia fala de "frustração existencial". O termo "existencial" pode ser usado de três maneiras: referindo-se (1) à existência e si mesma, isto é ao modo especialmente humano de ser; (2) ao sentido da existência; (3) à busca por um sentido concreto na existência pessoal, ou seja, à vontade de sentido. Frustração existencial também pode resultar em neuroses. Para esse tipo de neuroses a terapia cunhou o termo "neuroses noogênicas", a contrastar com as neuroses no uso habitual da palavra, isto é, as neuroses psicogênicas. Neuroses noogênicas têm sua origem não na dimensão psicológica, mas antes na dimensão "noológica" (do termo grego noos que significa "mente").

Existem pessoas que ainda não encontraram o sentido em suas vidas porque não conseguiram ser autores de suas próprias decisões, assumindo o sentido de outras pessoas (conformismo) ou deixando que elas definam qual o sentido para as suas vidas

³¹ ROSA, Merval. PSICOLOGIA DA RELIGIÃO. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1971, p. 151-152.

³² <http://www.angelfire.com/nf/fenomenologia/textos/frankltext2.html>.

³³ A **noética** (do grego nous: mente) é uma disciplina que estuda os fenômenos subjetivos da consciência, da mente, do espírito e da vida a partir do ponto de vista da ciência. Como conceito filosófico, em linhas gerais define a dimensão espiritual do homem.

(totalitarismo). Existem também as que tiveram a sua vontade de sentido frustrada. Elas são afligidas por um estado que se chama "frustração existencial".

Neuroses Noogênicas

Esta frustração pode culminar em uma espécie de neurose. Para esse tipo de neuroses Viktor Frankl criou o termo "neurose noogênica".

Frankl utiliza a expressão neuroses noógenas para se referir aos problemas que ocorrem além da esfera do psíquico, cuja causa se encontra num problema espiritual, num conflito moral ou em uma crise existencial.

As neuroses noogênicas ou noógenas são sempre de cunho espiritual e se baseiam em conflitos da sua existência onde as frustrações existenciais desempenham um papel central.

Embora a Logoterapia represente uma terapia específica para o caso de neuroses noógenas e, dentro desta esfera se mostre como um avanço na psicoterapia, ela também é indicada a uma aplicação mais ampla das neuroses no sentido específico, isto é, nas psicógenas, que são aquelas causadas no psíquico.

Neuroses noogênicas não surgem de conflitos entre impulsos e instintos, mas de problemas existenciais. Entre esses problemas, a frustração da vontade de sentido desempenha papel central. É óbvio que em casos noogênicos a terapia apropriada e adequada não é a psicoterapia de um modo geral, mas antes a Logoterapia; ou seja, uma terapia que ousa penetrar na dimensão especificamente humana. A logoterapia considera sua tarefa ajudar o paciente a encontrar sentido em sua vida. Na medida em que a logoterapia o conscientize do logos oculto de sua existência, trata-se de um processo analítico. Até esse ponto a logoterapia se assemelha à psicanálise.

Noodinâmica

A noodinâmica é a tensão interna existente entre o que uma pessoa é e aquilo que ela deveria ser de acordo com a sua realidade, seus valores e o seu sentido de vida. A logoterapia afirma que o "estado noodinâmico" ou o estado entre aquilo que se é e aquilo que se deveria ser, é o mais adequado à normalidade do homem.

Neste sentido, quando o indivíduo se encontra em uma situação adversa e estabelece uma meta para sair de onde está, o estado normal de tensão noodinâmica o equilibra e o auxilia para que ele supere os seus obstáculos, desde que aceite o desafio de seguir em frente sem o receio do fracasso.

Vazio Existencial

O vazio existencial é um fenômeno muito difundido no século XX. É compreensível e pode ser atribuído a uma dupla perda sofrida pelo ser humano desde que se tornou um ser verdadeiramente humano. No início da história, o homem foi perdendo alguns dos instintos animais básicos que regulam o comportamento do animal e asseguram sua existência. Tal segurança, assim como o paraíso, está cerrada ao ser humano para todo o sempre. Ele precisa fazer opções. Acresce-se ainda que o ser humano sofreu mais outra perda em seu desenvolvimento mais recente. As tradições, que serviam de apoio para seu comportamento, atualmente vêm diminuindo com grande rapidez.

O vazio existencial se verifica quando as pessoas não encontraram o sentido para as suas vidas. Este vazio se manifesta principalmente num estado de tédio. Quando as pessoas se deixam dominar pela rotina do dia a dia, quando se alimentam intelectualmente pela multidão de informações superficiais que a mídia nos empurra diariamente e quando não dispomos de tempo para o lazer mental não nos apercebemos que necessitamos de um sentido para viver.

O vácuo existencial se manifesta principalmente num estado de tédio. Agora podemos entender por que Schopenhauer disse que, aparentemente, a humanidade estava fadada a oscilar eternamente entre os dois extremos de angústia e tédio. É concreto que atualmente o tédio está causando e certamente trazendo aos psiquiatras mais problemas de que o faz a angústia. E estes problemas estão se tornando cada vez mais agudos, uma vez que o crescente processo de automação provavelmente conduzirá a um aumento enorme nas horas de lazer do trabalhador médio. Lastimável é que muitos deles não saberão o que fazer com seu tempo livre.

A manifestação do vazio existencial transparece sob as mais diversas máscaras como forma compensadora: o **conformismo**, a pessoa deseja fazer o que os outros fazem, ou ele faz o que outras pessoas querem que ela faça (**totalitarismo**), daí vem a submissão e as obsessões por poder, dinheiro ou sexo. Por causa do vazio existencial o ser humano não consegue **autonomia**. Quando a pessoa encontra o sentido da vida ele consegue a autonomia.

Fazer o que Deus quer que façamos (**Teísmo ou theohypakoismo**) preenche o vazio existencial. Theohypakoismo é uma palavra inventada derivada de theós (θεός - Deus)³⁴ mais hypakoē (ὕπακοή - obediência)³⁵. **Theohypakoismo** significa obediência a Deus.

O Sentido da Vida

Não se deveria procurar um sentido abstrato da vida. Cada qual tem sua própria vocação ou missão específica na vida; cada um precisa executar uma tarefa concreta, que está a exigir cumprimento. Nisto a pessoa não pode ser substituída, nem pode sua vida ser repetida. Assim, a tarefa de cada um é tão singular como a sua oportunidade específica de levá-la a cabo. Uma vez que cada situação na vida representa um desafio para a pessoa e lhe apresenta um problema para resolver, pode-se, a rigor, inventar a questão pelo sentido da vida.

Como já está exposto aqui antes, o sentido da vida é único e característico de cada pessoa. As peculiaridades de cada indivíduo e as particularidades da vida de cada um, principalmente de seus valores, é que vão definir o sentido da vida. Segundo Viktor Frankl, "não é o que a vida pode lhe proporcionar, mas o que você pode fazer pela vida", ou seja, temos a responsabilidade de encontrar em si o que dar à vida. De acordo com a logoterapia podemos verificar que o sentido da vida se dá em três diferentes formas:

1. *criando ou trabalhando ou praticando um ato;*
2. *experimentando algo ou encontrando alguém; e*

³⁴ Θεός, ου, ό ε ή *Deus, deus* um termo geralmente usado no mundo antigo para seres que têm poder ou conferem benefícios que estão além da capacidade humana.

³⁵ ὕπακοή ής, ή *obediência* Rm 1.5; 6.16; 16.19; 26; 2 Co 10.5; Hb 5.8; 1 Pe 1.2,22.

3. pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável.

A Essência da Existência

Esta ênfase sobre a responsabilidade se reflete no imperativo categórico da logoterapia, que reza: "Viva como se já estivesse vivendo pela segunda vez, e como se na primeira vez você tivesse agido tão errado como está prestes a agir agora." Parece-me que nada estimula tanto o senso de responsabilidade de uma pessoa como esta máxima, a qual a convida a imaginar primeiro que o presente é passado e, em segundo lugar, que o passado ainda pode ser alterado e corrigido. Semelhante preceito a confronto com a finitude da vida e com o caráter irrevogável (finality) daquilo que ela faz de sua vida e de si mesma.

A logoterapia afirma que o fim da vida não é a **autorrealização**, mas a **autotranscendência**. Porque quanto mais se tenta chegar a esta mais à autorrealização, mais distante esta se torna. A autorrealização não é um fim em si mesma, mas um caminho a ser trilhado em direção ao sentido a realizar ou a outro ser humano a encontrar. Ou seja, a autorrealização é consequência da autotranscendência.

O Sentido do Amor

Amor é a única maneira de captar outro ser humano no íntimo da sua personalidade. Ninguém consegue ter consciência plena da essência última de outro ser humano sem amá-lo. Por seu amor a pessoa se torna capaz de ver os traços característicos e as feições essenciais do seu amado; mais ainda, ela vê o que está potencialmente contido nele, aquilo que ainda não está, mas deveria ser realizado. Na logoterapia o amor não é interpretado como mero fenômeno de impulsos e instintos no sentido de uma assim chamada sublimação. O amor é um fenômeno tão primário como o sexo. Normalmente sexo é uma modalidade de expressão do amor. O sexo se justifica e é até santificado no momento em que, porém apenas enquanto for veículo do amor.

O encontro com o outro somente se dá quando temos abertura para aceitá-lo da maneira que ele realmente é. Ninguém consegue ter plena abertura para conhecer outro ser humano se não amá-lo. Além disso, somente o amor o torna capaz de conscientizar o ser amado daquilo que ela pode e deveria vir a ser.

O Sentido do Sofrimento

Existem situações em que se está impedido de trabalhar ou de gozar a vida; o que, porém, jamais pode ser excluído é a inevitabilidade do sofrimento. Ao aceitar esse desafio de sofrer com bravura, a vida recebe um sentido até o seu derradeiro instante, mantendo este sentido literalmente até o fim. Em outras palavras, o sentido da vida é um sentido incondicional, por incluir até o sentido potencial do sofrimento inevitável.

Durante a nossa vida nos encontramos em situações nos quais o sofrimento é inevitável, em que não há mais esperança ou diante de uma fatalidade que não pode ser

mudada. Quando o absurdo do mundo nos atinge e já não somos mais capazes de alterar a situação, tomamos consciência que só nos resta mudar a nós mesmos, enfrentando o sofrimento com dignidade e coragem. Sofrimento de certo modo deixa de ser sofrimento no instante em que encontra um sentido, como o sentido de um sacrifício.

O Suprassentido

Segundo a logoterapia a vida tem um suprassentido que excede e ultrapassa toda e qualquer compreensão intelectual do ser humano. Esse suprassentido pode ser bem exemplificado na fé religiosa, onde as pessoas confiam naquilo que não veem ou compreendem e esperam por um futuro do qual não tem provas que possa existir. Esse princípio, muitas vezes, impulsiona e dá forças às pessoas para superar as adversidades.

A Transitoriedade da Vida

Entre as coisas que parecem tirar o sentido da vida humana estão não apenas o sofrimento, mas também a morte. Os únicos aspectos realmente transitórios da vida são as potencialidades; porém no momento em que são realizadas, elas se transformam em realidades; são resgatadas e entregues ao passado, no qual ficam a salvo e resguardadas da transitoriedade. Isto porque no passado nada está irremediavelmente perdido, mas está tudo irrevogavelmente guardado. Sendo assim, a transitoriedade da nossa existência de forma alguma lhe tira o sentido. No entanto ela constitui a nossa responsabilidade, porque depende de nos conscientizarmos das possibilidades essencialmente transitórias.

A nossa finitude, principalmente a iminente, tende a tirar o nosso sentido da vida. Para superar o sentimento de transitoriedade a logoterapia valoriza a historicidade manifesta no passado do indivíduo. Tudo o que ele viveu e foi não se separam dele, pelo contrário, fazem parte e preenchem a sua vida. Então, se a pessoa perceber que não perdeu nada do que passou, que conseguiu viver toda a sua vida com plenitude, mesmo diante de grandes adversidades, ele estará estruturando a sua personalidade para que ao envelhecer sinta orgulho de si próprio.

TÉCNICAS LOGOTERÁPICAS³⁶

A Logoterapia é a única forma de análise existencial que, além de ter uma filosofia humanista, elaborou também algumas técnicas clínicas para atuação prática.

As técnicas desenvolvidas até o presente estado de evolução da Logoterapia são cinco:

1. Intenção Paradoxal;
2. Derreflexão;
3. Apelação;
4. Diálogo Socrático;
5. Denominador Comum.

³⁶ <http://www.angelfire.com/nf/fenomenologia/textos/frankltext2.html>.

A INTENÇÃO PARADOXAL

A Intenção Paradoxal. Foi descoberta por Frankl, que a utiliza desde a década de 1930 e se constitui em uma das mais importantes técnicas jamais conhecidas pela Psicologia.

Nós a consideramos uma das maravilhas das ciências psicológicas que, de tão importante, acabou sendo incorporada em quase todas as grandes linhas de tratamento clínico. A Intenção Paradoxal pode ser definida como a arte de prescrever ao cliente o sofrimento que ele já possui. Com ela o terapeuta propõe ao cliente manter o sintoma que está incomodando como estratégia para conseguir o contrário.

A teoria das neuroses, segundo Frankl, observa que em um paciente neurótico ansioso, a angústia é potencializada na medida em que ele sente angústia perante a própria angústia, lançando-o num círculo vicioso. Diferentemente, o neurótico obsessivo, é lançado no mesmo círculo numa tentativa de fuga da obsessão. Já o neurótico sexual tem como objeto de sua neurose uma busca fracassada do prazer, porque o próprio desejo intenso de obtê-lo bloqueia a possibilidade de alcançá-lo. Por um lado, o neurótico ansioso e o obsessivo têm um temor diante de algo anormal, e, por outro, o neurótico sexual possui um desejo forçado por algo normal.

Os resultados conseguidos pela Intenção Paradoxal são, as vezes, mágicos e instantâneos, não apenas no que se refere aos tratamentos individuais, mas também em psicoterapia familiar. Atualmente, Intenção Paradoxal é amplamente usada pelos psicoterapeutas familiares que trabalham com psicóticos (Harley, Erickson, Waltzlawick, Satir, Bandler, Glinder, Andolfi, Palazzoli e muitos outros). Ela é a peça fundamental de toda qualquer prática de hipnose e, como afirmou o pai da hipnose moderna, Milton H. Erickson, "é impossível a realização da hipnose sem utilizar a Intenção Paradoxal".

Trata-se de propor ao paciente que alimente o seu sintoma, que fantasie da maneira mais dramática possível, e até fazendo certo deboche de si mesmo, que esteja apresentando uma crise nunca vista por ninguém. Se, por exemplo, o paciente for um fóbico, que esteja diante de seu objeto de medo irracional, em uma situação de morte iminente; se for medo de avião, e, estando em voo, imaginar que o avião está em chamas, que terá de usar paraquedas, sem nunca tê-lo feito na vida, que irá cair em alto mar cheio de tubarões, etc. Se for um hipocondríaco, que está tendo um infarto fulminante, e que nem adianta avisar aos outros, não há nada a se fazer para salvá-lo.

Se for um caso de disfunção erétil, o terapeuta poderá proibir terminantemente, como início de tratamento, que o paciente tenha relações amorosas por cinco ou dez dias, sob pena de pôr tudo a perder. Ou, se for um insone, proibir duramente de dormir por uma semana, e mesmo que ele tenha sonolência, que use de qualquer estratégia para não dormir, saindo, tomando estimulantes, banho frio, etc. Nestes casos, que são os mais frequentes, o paciente não consegue seguir a orientação terapêutica e acaba transgredindo as regras no sentido de sua cura. O remédio é o próprio sintoma, uma espécie de psicohomeopatia.

A DERREFLEXÃO

É a técnica da Logoterapia que pretende trabalhar mais na solução de conflitos sexuais e contra a luta para se conseguir o prazer.

As neuroses, tanto de angústia, como obsessivas, quanto nas sexuais, pode se acrescentar o fator de uma excessiva preocupação pela observação de si mesmo no paciente. A obsessão de observação é a angústia de perder o controle sobre si mesmo, de não se dominar e se abandonar ao inconsciente, diz Frankl.

Esta obsessão, não só dificulta, mas também impede qualquer realização, pois tenta assumir o controle daquilo que é executado automaticamente pelo inconsciente.

Nestes casos o psicoterapeuta tem que transformar o potencial inconsciente num ato consciente, mas só a fim de provocar um hábito novamente inconsciente e assim restabelecer a naturalidade das realizações inconscientes. Assim como as neuroses podem ser ironizadas pelo uso da intenção paradoxal, o método terapêutico adequado à obsessão de observação, à excessiva atenção nos sintomas é a derreflexão. A derreflexão significa aqui, voltar a ignorar-se a si mesmo.

A fim de atingir a Derreflexão desejada, isto é, ignorar algo, é necessário deixar de lado este algo voltando-se para alguma coisa diferente. A logoterapia então, utiliza-se da análise existencial centrando e orientando o paciente para o sentido concreto de sua existência pessoal. A Derreflexão pode ser definida como uma tentativa de deslocar a atenção do cliente que está preocupado com sua "doença" para alguma outra coisa mais importante e mais significativa de sua vida que esteja no futuro. A Derreflexão atua rompendo o círculo da hiperintenção que agrava a hiper-reflexão. Ela desloca atenção do cliente de sua condição de sofrimento, procura dar sentido a sua dor e descobrir o sentido maior de sua existência já que o sintoma não é o que de mais importante acontece em sua vida.

APELAÇÃO

A Logoterapia se volta para a parte sadia da pessoa e tende a ressaltar os sentimentos que em geral estão comprometidos no universo interior do cliente. A Apelação é precisamente o recurso técnico que permite o reavivamento da riqueza sentimental e afetiva da criatura em estado de perturbação e consiste em "denunciar ao cliente a manifestação de sua capacidade de sentir a sua humanidade escondida e carente de um resgate".

Assim, por exemplo, quando o cliente chora, o terapeuta poderá dizer "que ele tem sentimento, que consegue até chorar pelas coisas que são importantes para ele", especialmente quando o cliente se queixa de tristeza é muito importante chamar a atenção dele na hora em que conseguir dar um sorriso. "Veja como você consegue sorrir, brota um sinal de alegria". É importante que este procedimento aconteça num clima de intenso calor humano, com muito amor, participação do terapeuta e, sobretudo, com humor, sem o qual seria impossível qualquer trabalho de crescimento.

O DIÁLOGO SOCRÁTICO

É a discussão sobre o autoconhecimento, que permite ao cliente entrar em contato com seu inconsciente noético, seu potencial humano e a direção que ele pretende dar a própria existência. A discussão sobre o autoconhecimento ajuda os clientes a descobrir seu lado oculto, o Deus Ignorado, escondido em sua intimidade e ajuda a descobrir o verdadeiro eu, no que ele tem de mais perene e indestrutível em sua parte espiritual. O Diálogo Socrático, como ferramenta da psicoterapia tem quatro papéis importantes: afasta o cliente do seu problema (funciona como Derreflexão), ajuda a assumir novas atitudes, alerta para o fato de ter vencido os sintomas e capacita o terapeuta e o cliente a encontrarem o sentido vital.

A TÉCNICA DO DENOMINADOR COMUM

Esta técnica até agora pouco conhecida entre os profissionais da Psicologia, tende a lidar com a capacidade de cliente de tomar decisões responsáveis. Quando nosso cliente está diante de uma posição irremediável nas situações - limite que a vida nos impõe como por exemplo: separações conjugais, aborto, mudanças, casamento ou qualquer tomada de decisão importante, pode ficar perplexo, sem saber direito o que fazer.

A Técnica do Denominador Comum vem trazer uma resposta a esta dificuldade e constitui-se em uma avaliação minuciosa sobre quais as perdas e quais os ganhos para se tomar este ou aquele caminho. Se as duas situações forem traumáticas, qual é a que trará menos consequências futura? Enfim, qual é o melhor caminho a ser tomado? (Gomes, 1987).

LOGOTERAPIA VERSUS PSICOTERAPIA

"(...) análise existencial. O que não quer é suplantar as psicoterapias anteriores: quer somente chegar mais alto, agregar-lhes algo" (Frankl, 1991b, p. 121)

O título desta seção e sua epígrafe, já trazem a temática que aqui vai ser abordada. Pode-se legitimamente fazer esta contraposição da logoterapia com a psicoterapia? Há momentos, em seus escritos, que Frankl afirma claramente um caráter complementar à logoterapia. Veja-se o que diz em seu livro *Homo patiens - projeto de uma patodiceia*:

(...) a logoterapia se situa (...) no que concerne à doutrina, em uma oposição didática à psicoterapia, tal como esta tem sido praticada até hoje. Não pretende, contudo, ser um substituto da psicoterapia, no sentido estrito do termo. É impossível colocar a logoterapia no lugar da psicoterapia; é necessário, apenas, *complementar a psicoterapia com a logoterapia* (Frankl, 1978, pp. 198-199).

Isto também é explicitado em outra citação, ao atribuir à análise existencial - um dos nomes iniciais da logoterapia - que "o que não quer é suplantar as psicoterapias anteriores: só quer chegar mais alto, agregar-lhes algo [...]"(Frankl, 1991b, p. 121). O título em inglês do seu primeiro livro escrito - *The doctor and the soul: From psychotherapy to logotherapy* (Frankl, 2001, p. 59) - também induz à ideia de que

logoterapia e psicoterapia se contrapõem, dando uma ideia de transição, "*da psicoterapia para a logoterapia*".

Mas, então, o que é logoterapia? Não é a logoterapia também uma psicoterapia? Para responder a esta pergunta, há que se fazer uma diferenciação quanto ao tipo de neurose que apresenta o paciente. Segundo Frankl, "*o que necessita o paciente colhido no desespero existencial do aparente sem sentido de sua vida é logoterapia em vez de psicoterapia*" (Frankl, 1970, p. 99). Pode-se ver aqui que Frankl é claro: nos pacientes com neurose noogênica - uma das propostas originais de Frankl -, na qual a pessoa convive por muito tempo com uma sensação de vazio existencial, ou com conflitos de valores, ou com a descrença no sentido da vida, ou com a impossibilidade de sua realização, a logoterapia é diferente de psicoterapia. Diz ele: "*A finalidade do que chamamos de logoterapia é incluir o logos na psicoterapia; a finalidade do que denominamos análise existencial é incluir a existência na psicoterapia*" (Frankl, 1978, p. 197). Na mesma página desta citação, é explicado o que significa incluir estes elementos na psicoterapia: o *logos* estaria introduzindo na psicoterapia uma reflexão sobre o sentido e os valores; a *existência* traria a este campo de atuação do psicoterapeuta uma reflexão sobre a liberdade e a responsabilidade. Numa época em que se considerava serem estes elementos estranhos ao atuar psicoterapêutico, ou no mínimo, não centrais, a logoterapia vinha oferecer ao ser humano necessitado a sua terapêutica específica. Não nos esqueçamos de que Freud, em carta à princesa Bonaparte, via a preocupação com o sentido da vida como uma manifestação de doença, o que contrasta radicalmente com Frankl, que vê nesta preocupação uma manifestação de saúde do ser humano.

Ao lidar com neuroses psicogênicas, contudo, não existe esta contraposição entre logoterapia e psicoterapia: "*Aqui a logoterapia não pode ser contraposta à psicoterapia, representando ela mesma uma entre as escolas de psicoterapia.*" (Frankl, 1970, p. 99). Apesar disto, Frankl não deixa de assinalar, que *no seu elemento plus* - o sentido e a existência - a logoterapia deveria ser um complemento para qualquer psicoterapia.

GARY R. COLINS E O ACONSELAMENTO BÍBLICO

1. O DESENVOLVIMENTO DO CUIDADO PASTORAL

O cuidado pastoral é um dos aspectos indissociáveis da vida da igreja. Assim, nas páginas do Novo Testamento existem diversas referências a este elemento, como, por exemplo, na epístola de Tiago, na qual pode ser lido: "A Religião pura e sem mácula, para com nosso Deus e pai, é esta: visitar os órfãos e viúvas nas suas tribulações (...)" (Tg 1.27); ou ainda, na primeira epístola de Pedro, onde há a seguinte exortação aos presbíteros: "pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós (...)" (1Pe 5.2).

Além disso, o registro desta característica não se limita ao texto bíblico. Nos documentos mais antigos da igreja, também jazem numerosos exemplos deste cuidado, como nos textos de João Crisóstomo (*Carta à uma jovem viúva* – século IV) e Gregório o Grande (*Livro do cuidado pastoral* – século VI). Pode-se aferir o quanto esta prática, na verdade, permeia todas as gerações quando se lê Thomas A. Kempis, no século XV, com *A Imitação de Cristo*, ou o *Pastor Aprovado* de Richard Baxter, no século XVII.

O modo como este cuidado foi exercido, entretanto, sofreu variações no decorrer da história. Em cada época a igreja, conscientemente ou não, se apropriou da psicologia dominante (Clebsch e Jaekle, 1983), não por ausência de uma psicologia propriamente sua, mas pela influência externa a que ela, estando no mundo, se tornou suscetível, em todas as áreas do conhecimento. Esta relação, embora natural e, até certo ponto, positiva, em certos momentos se tornou prejudicial ao tornar o cuidado pastoral dependente dessas psicologias como se não tivesse uma psicologia propriamente sua (Hurding, 1995, p.26).

Esta crise do cuidado pastoral no que diz respeito à relação e dependência (ou independência) da psicologia se agravou com o surgimento da psicologia como uma disciplina específica a partir do iluminismo e forçou a igreja a uma tomada de posição. Não pretendo analisar aqui os aspectos detalhados desta reação, o que já foi feito com muita propriedade por Roger F. Hurding em seu livro *A Árvore da Cura* (1995). O importante, entretanto, é ponderar o trabalho de Gary R. Collins, com sua proposta de **diálogo**, reagindo fortemente contra o processo de **assimilação** por um lado e de completa **rejeição** da psicologia secular por outro.

A partir do final do século XIX, principalmente nos Estados Unidos, surgiu uma tendência a colocar o aconselhamento pastoral como o principal aspecto do cuidado pastoral. A psicologia da religião passou a ser ensinada nos seminários e os pastores assimilavam os conhecimentos aprendidos na psicologia com uma ampla abertura para as ideias de Freud, Adler e Jung. Esta abertura conduziu a uma absorção demasiada das pressuposições da psicanálise, o que nas palavras de Hurding: “consistiu num liberalismo cristão que, à deriva foi arrastado até os bancos de areia de onde Deus é visto como bondosamente permissivo e onde a humanidade é considerada neurótica, em vez de pecadora” (1995, p.263).

Uma reação radical contra esta secularização do cuidado pastoral ocorreu sob a influência das ideias de O. Hobart Mowrer, um ferrenho crítico da “teoria freudiana do impulso”. Mowrer teve, mais tarde, forte influência sobre Jay Adams, resultando na idealização do *aconselhamento noutético*. Neste modelo Adams dicotomiza as abordagens na área do aconselhamento em cristã e não cristã, rejeitando toda a ideia de “doença mental” ou perturbação psicológica que não seja resultado de pecado. Para ele, todos os problemas não orgânicos são causados pelo pecado (Hurding, 1995).

2. INTEGRACIONISMO

É justamente em meio a estes dois diferentes posicionamentos que se encontra Gary R. Collins. Embora defensor do aconselhamento bíblico, Collins não exclui o que ele chama de “verdade descoberta mediante a experiência e os métodos de investigação científica”. Ele entende que a Palavra de Deus é de imprescindível importância para o aconselhamento, mas que a psicologia pode ser, sim, de grande ajuda para o conselheiro cristão, mesmo porque a própria Bíblia não reivindica ser a *única* fonte de “revelação sobre a ajuda às pessoas”, e que nem mesmo é este o seu propósito.

Mesmo assim, Collins não aceita a psicologia como uma ferramenta que deva ser utilizada irrestritamente. Qualquer tentativa neste sentido seria inviável devido à miríade de técnicas e teorias disponíveis, que certamente só confundiriam o conselheiro cristão. Desta forma, Collins propõe que toda técnica ou teoria psicológica que se pretenda utilizar

como apoio ao aconselhamento seja testada e avalizada pelo padrão da Palavra escrita de Deus, cuja inspiração e autoridade jamais devem ser questionados (Collins, 1995).

Gary Collins, como mencionado anteriormente, iniciou seus estudos acadêmicos na área de psicologia, concluindo seu PhD em psicologia clínica pela Purdue University, em West Lafayette, Indiana. Mas, apesar de sua formação psicológica, dedicou-se extensivamente ao aconselhamento e preparação de líderes e conselheiros cristãos. Collins, que esteve por um ano no Western Seminary cursando teologia e lecionou psicologia e aconselhamento na Trinity Evangelical Divinity School, se envolveu intensamente com a *American Association of Christian Counselors* (AACC) e também escreveu diversos artigos e mais de 50 livros, em sua grande maioria direcionados ao aconselhamento. Conforme registrado em seu sítio: “Na maior parte de sua vida adulta ele esteve comprometido em orientar, ensinar e escrever a fim de estimular um aconselhamento cristão competente, equipar e encorajar líderes (inclusive conselheiros e líderes espirituais), e contribuir para fazer da igreja ao redor do mundo uma instituição mais solidária” (<http://www.garycollins.com/aboutb.php>).

Um outro aspecto da obra de Collins é justamente seu esforço em propor uma via média para a discussão da relação entre psicologia e cristianismo, algo que esteja entre a total assimilação de um lado e a exclusão mútua do outro. Essa preocupação já se revela num de seus primeiros livros, *Search for Reality*, no qual ele se propõe a fazer uma “introdução a moderna ciência da psicologia em sua relação com a Bíblia e com o trabalho da igreja” (1969, p.6). Porém, antes de ponderar mais profundamente a compreensão de Collins sobre estas questões, é necessário conhecer melhor a base sobre a qual ele desenvolve sua teoria de aconselhamento conforme foi exposta nos livros *Aconselhamento Cristão*, de 1995, uma tradução de *Christian Counseling: A Comprehensive Guide*, de 1980, e a Edição Revisada (e ampliada) desta obra, editada em 1988.

Para Collins, o aconselhamento é “uma parte importante do ministério, necessária e biblicamente estabelecida” e consiste em:

... estimular o desenvolvimento da personalidade; ajudar os indivíduos a enfrentarem mais eficazmente os problemas da vida, os conflitos íntimos e as emoções prejudiciais; prover encorajamento e orientação para aqueles que tenham perdido alguém querido ou estejam sofrendo uma decepção, e para assistir às pessoas cujo padrão de vida lhes cause frustração e infelicidade. (1995, p.12).

A tarefa do conselheiro cristão, entretanto, é inseparável de seu objetivo principal que é “procurar levar o indivíduo a um relacionamento pessoal com Jesus Cristo e ajudá-lo a encontrar perdão e alívio dos efeitos incapacitantes do pecado e culpa” (1988b, p.16). Isto implica em ensinar, como a Bíblia ordena, tudo aquilo que Cristo ensinou a fim de que as pessoas se entendam melhor com Deus, com o próximo e consigo mesmas.

Collins considera que a igreja neotestamentária, além de uma comunidade de ensino, evangelização e discipulado, foi também uma “comunidade terapêutica”. Quando os membros de uma igreja, hoje, concentram suas atenções e atividades no culto a Deus, na evangelização, e na fraternidade, ensino e cuidado mútuo dentro da igreja, este aspecto terapêutico se evidencia. Na ausência de algum destes elementos, afirma Collins, há desequilíbrio e crenças incompletas. A tarefa de manter este equilíbrio pertence aos pastores e líderes que devem guiar o rebanho, e que para executá-la precisam conhecer os

princípios bíblicos sobre como enfrentar estes problemas, e certamente as ferramentas que têm sido disponibilizadas pelas recentes pesquisas e perspectivas psicológicas irão auxiliá-lo neste objetivo (1995, p.14,15).

Para Collins o conselheiro cristão, como seguidor de Jesus Cristo, tem os mesmos objetivos que ele, isto é, mostrar às pessoas como ter vida abundante e apontar a elas a vida eterna prometida aos que creem. Evangelismo e discipulado são, portanto, seus objetivos mais altos. Mas, a fim de que o aconselhamento seja útil e eficiente é preciso que o conselheiro tenha objetivos específicos. Embora seja certo que estes objetivos variam de acordo com o problema do aconselhado, Collins lista alguns deles que deverão ser inclusos em qualquer caso, a saber: 1) Conduzir o aconselhado a uma compreensão de si mesmo, a fim de que obtenha um quadro real do que está passando, tanto em seu íntimo como no mundo que o rodeia. 2) Auxiliar o aconselhado na comunicação correta e eficaz de seus sentimentos, pensamentos e atitudes. 3) Levar o aconselhado a um abandono dos comportamentos negativos e conduzi-lo no aprendizado de atitudes mais eficientes. 4) Mostrar ao aconselhado a plenitude da vida em Cristo como meio de desenvolver seu mais alto potencial, através da maturidade espiritual alcançada sob o poder do Espírito Santo para, assim, encontrar a verdadeira realização. 5) Oferecer apoio, encorajamento e “divisão de fardos” em períodos de crise e tensão incomuns. 6) Ajudar o aconselhado a tratar das questões espirituais e capacitá-lo a encontrar crenças e valores significativos (1988b, p. 38-40).

Para Collins é necessário também que os conselheiros possuam qualificações que auxiliem na construção de um relacionamento terapêutico que permita ao aconselhado superar suas inseguranças e medos quanto ao aconselhamento. Desta maneira, características como cordialidade, sinceridade e empatia são essenciais para a eficácia do auxílio pastoral. Além delas, entretanto, o ajudador deve procurar desenvolver qualificações terapêuticas tanto quanto conhecer e utilizar com perícia as técnicas fundamentais de aconselhamento (1995, p.21).

Collins deixa claro que o aconselhamento difere de uma discussão casual entre amigos, pois se caracteriza por um propósito claro de ajuda. Também, as necessidades do ajudador não devem estar em jogo neste processo particular, devendo ser resolvidas, ou satisfeitas em outras ocasiões. O roteiro do aconselhamento envolve uma conscientização das necessidades do aconselhado e a comunicação de compreensão e desejo de ajudar.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Viktor Frankl (2003, p. 56), somente o homem tem a vivência de sua existência como algo problemático, sendo ele capaz de experimentar a problemática do ser. Quando o problema do sentido assume toda a sua radicalidade pode abater um homem.

Considerando a puberdade, Viktor Frankl (2003, p. 56-57) considerou que é a época em que o homem, ainda jovem, vai amadurecendo e lutando espiritualmente; e que os seres humanos possuem uma forma de ser essencialmente diferente, ou seja, “o ser humano é antes um ser essencialmente histórico” que “está inserto num espaço histórico concreto”.

Erwin Straus (apud FRANKL, 2003, p. 57) “mostrou que no homem o fator histórico do tempo não se pode isolar conceitualmente da sua realidade de vida”, sendo possível deformar sua realidade na tentativa de abandonar o modo de ser humano originário. Esse comportamento é tido como a existência presentista __ “ajustamento à vida, que crê poder renunciar a toda e qualquer orientação” __ que nem se institui no passado nem se orienta para o futuro.

Observando as considerações de Viktor Frankl (2003, p. 57-58), ele afirma que o homem, de certa forma, está esquecido de si mesmo e esquecido de seus valores.

O objetivo deste estudo tem relevância evidente para os nossos dias, pois ao se analisar as afecções psicológicas que levam as pessoas a procurarem auxílio profissional, se constata que a queixa é um sentimento vago, indefinido, uma sensação de que suas vidas são completamente fúteis.

Para efetuar este estudo, foi realizado um levantamento teórico em autores como Viktor Frankl, Vieira e Placco, Xausa e Rafael.

Segundo Viktor Frankl (2003, p. 58), não é só na puberdade que o sentido da vida se põe de modo típico, mas, também, quando o destino traz vivências perturbadoras. Este mesmo autor (p.58) afirma que não existe nada de doentio em refletir sobre o sentido da vida, tampouco patológica é a necessidade de anímica do homem em lutar por um conteúdo da vida, ou o seu empenho na luta espiritual. A busca do sentido da vida é a busca de cada um; por isso, diversos são os caminhos.

2. A BUSCA DO SENTIDO DA VIDA COMO FORÇA MOTIVADORA

Viktor Frankl (apud VIEIRA; PLACCO, 1992, p.21), argumenta que o homem é um ser bio-psico-espiritual. A espiritualidade, para Frankl, é a característica mais específica do homem. “*O ser humano propriamente dito começa onde deixa de ser impelido (impulsionado) e termina quando cessa de ser responsável. O homem, propriamente dito, se manifesta onde houver um eu que decide*”. O autor reforça que o homem é criado à imagem de Deus, o Criador, e, que justamente por isso, é um ser livre para escolher aproximar-se de Deus ou se afastar d’Ele.

Para Viktor Frankl, nossa liberdade é limitada, pois nunca estamos completamente livres das circunstâncias, sejam elas de ordem biológica, psicológica ou sociológica. A liberdade plena, no entanto, está sempre ao nosso alcance. É a liberdade de enfrentar quaisquer condições adversas e a maneira como reagiremos às condições imposta é uma

³⁷ faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/.../TrepONXCQ0jbVGI_2013-5-13-16-7-9.pdf

decisão nossa. *“Se não pudermos mudar a situação, ainda resta-nos a liberdade de mudarmos nossa atitude frente a essa situação”* (FRANKL, 1985, s.p).

Viktor Frankl (1991, apud VIEIRA; PLACCO, 1992, p.21), considera, ainda, que ser criado à imagem e semelhança de Deus tem um significado muito específico: Deus é pessoal e o homem também o é; Deus é racional, o homem também o é; e com sua razão pode conhecer a criação mais e mais; Deus é criativo, e o homem também é; ainda, para ele o trabalho é onde se cria algo para o outro. Essa dimensão humana é expressa com muita clareza da seguinte forma: “Ser humano significa dirigir-se para além de si mesmo, para algo diferente de si mesmo, para alguma coisa ou alguém”. Acrescenta:

“Outro dia recebi uma carta de um jovem estudante do Texas, na qual me contava sua história de vida. Quando tinha 17 anos, ele sofreu um acidente quando praticava mergulho e ficou paralisado do pescoço para baixo. Ele escreveu: Eu quebrei o meu pescoço, mas ele não me quebrou. Agora sou um deficiente. Provavelmente essa deficiência vai me acompanhar por toda a vida. Mas eu não interrompi meus estudos. Por causa da minha deficiência, eu comecei a querer ajudar outras pessoas. Quero ser psicólogo para ajudar as outras pessoas. Tenho certeza, disse ele, que o meu sofrimento vai aumentar substancialmente a minha capacidade de compreender e ajudar outras pessoas.” (FRANKL, 1985, s.p.).

Viktor Frankl (apud VIEIRA; PLACCO, 1992, p. 21) afirma que o interesse preponderante do homem não é por quaisquer condições internas dele próprio, sejam elas prazer ou equilíbrio interior. Para ele, o homem é orientado para o mundo exterior e neste mundo procura um sentido que possa realizar ou uma pessoa que possa amar. “E, com base em sua autocompreensão ontológica pré-reflexiva, tem conhecimento de que ele se autorrealiza precisamente na medida em que se esquece de si próprio”. Portanto afirma-se que “espiritualidade não é um conceito preso à religião, mas é ontológico ao homem em sua busca de sentido para a existência” (p.77-78). É um sentimento que existe dentro do ser humano e que é transportado para além dele. Esse sentimento se exterioriza por meio do trabalho e do amor.

Frankl (1976, apud XAUSA, 2003, p. 169 - 213) refere-se à espiritualidade inconsciente como algo existente no homem que se contrapõe ao impulso inconsciente. “Tal espiritualidade inconsciente existe de fato e não hesitamos em declarar que, assim como uma sexualidade inconsciente também uma religiosidade inconsciente”.

Para Viktor Frankl (2003), a consciência humana não se identifica com o superego, como afirma a Psicanálise. Ela sempre aponta para o sentido, como uma bússola aponta para o norte. Nesse entendimento, ela é o próprio “órgão do sentido”, enquanto “capacidade intuitiva de descobrir o significado único e singular escondido em cada situação”.

Relacionando a psicoterapia com a busca do sentido da vida, Frankl (1991) propõe a Logoterapia; é um sistema teórico-prático de Psicologia, que se tornou mundialmente conhecido a partir de seu livro *Em busca de Sentido* (Um Psicólogo no Campo de Concentração); trata-se do movimento psicológico mais importante de nossos dias, sendo conhecida como a terceira escola vienense de psicoterapia.

O termo “logos” é uma palavra grega que significa “sentido”, assim a Logoterapia concentra-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por esse sentido (FRANKL, 1991).

Na Logoterapia, a busca de sentido na vida da pessoa é a principal força motivadora no ser humano; ela é considerada e desenhada como terapia centrada no sentido, e vê o homem como um ser orientado para o sentido (FRANKL, 1991). Este autor pontua que a frustração em dar um sentido à vida e aprofundar-se na existência, gera sintomas comuns em nosso tempo. O sofrimento e a falta de sentido configuram o vazio existencial, que muitos experimentam. A Logoterapia foi desenvolvida durante décadas; ela visa a complementar a psicoterapia e completar o conceito de ser humano, buscando restituir a imagem do homem, superando reducionismo; faz uma proposta de abranger todas as áreas da atividade humana e busca resgatar aquilo que é especificamente humano na pessoa.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste artigo foi possível observar que somente o homem tem a vivência de sua existência como algo problemático, e que somente ele é capaz de experimentar esse problema que há em seu ser. Se o problema do sentido assume toda a sua radicalidade pode vir a abater um homem, porém para Frankl o fator determinante chama-se “decisão”; ou seja, a liberdade de escolha de tomar uma decisão, de tornar-se quem quer ser apesar das circunstâncias, e o reconhecimento que as pessoas são livres.

Para finalizar, queremos citar Viktor Frankl, quando ele próprio estava em uma situação impossível de sobrevivência no Campo de Concentração; diziam que ele iria terminar numa câmara de gás. Porém, para ele, “uma vez que não é certeza eu morrer nos próximos dias, vou continuar a viver e a agir acreditando no amanhã”.

Prezados leitores, o que fiz neste opúsculo foi algo semelhante do que era realizado pelos pietistas na área teológica. Copiei e coleí nestas folhas o que é tratado em diversos livros, TCC, resenhas e algumas coisas mais.

Alguns temas se repetem, espero que em vez de atrapalhar ajudem a fixar o tema principal - A Logoterapia.

BIBLIOGRAFIA

1. "Viktor Frankl - A descoberta de um sentido no sofrimento (parte1)". 1985.
2. BEAUFRET, Jean. *Introdução às Filosofias da Existência: de Kierkegaard a Heidegger*. São Paulo. Duas Cidades, 1976.
3. CLEBSCH, William A.; JAEKLE, Charles R. *Pastoral Care in Historical Perspective*. New York. Jason Aronson, 1983.
4. COBRA, Rubem Q. - *Viktor Frankl*. COBRA PAGES: www.cobra.pages.nom.br, Internet, Brasília, 2001.
5. Fizzotti, E. (1981). *De Freud a Frankl - Interrogantes sobre el vacio existencial*. Pamplona: Eunsa.
6. FIZZOTTI, Eugenio. *Lp Fi'eud a bankl; intenogantes sobre el vacio existencial*, Trad. Juan Antonio Chozzo. Pamplona, Univ. de Navarra, 1977.
7. FRANK, Victor E. *Em Busca de Sentido*. 25ª ed. São Leopoldo, RS: Sinodal; Editora Vozes, 2008.
8. FRANKL, V. E. *A Presença de Deus Ignorada*. 10ªed. São Leopoldo - RS: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.
9. FRANKL, V. E. *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
10. FRANKL, V. E. *Logoterapia e Análise Existencial*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2014.
11. FRANKL, V. E. *Psicoterapia e sentido da vida*. 4. ed. São Paulo: Quadrante, 2003.
12. FRANKL, V. E. *Psicoterapia para todos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
13. GOMES, José Carlos Vitor. *Logoterapia: a psicologia existencial-humanista de Victor Frankl*. São Paulo: Loyola, 1987.
14. HURDING, Roger. *A ÁRVORE DA CURA*. São Paulo: Vida Nova, 1995.
15. Kroeff, P. (1998). Consideraciones sobre el valor de actitud en logoterapia. *Nous - Boletín de Logoterapia y Análisis Existencial (Madrid)*, 2, pp. 39-45.
16. LESLIE, Robert C. *JESUS e a logoterapia*. São Paulo: Editora PAULUS, 2013.
17. RAFAEL, Z. A. O homem capaz de Deus: perspectivas de Viktor Frankl e do catecismo. *Revista Eletrônica Espaço Teológico* ISSN 2177-952x maio/2010/pp.62-70. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleiteo/article/view/3465/2289> Acessado em 16/03/2011.
18. ROSA, Merval. *PSICOLOGIA DA RELIGIÃO*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1971.
19. wikipedia.org/wiki/Noética.
20. YouTube.com. 27 de setembro de 2009. Gilberto Edson.
21. ZOHAR, Danah; MARSHALL, Ian. *INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL*. Rio de Janeiro: Viva Livros, 2012.

Sites de Logoterapia:

<https://www.youtube.com/watch?v=AFaa73lphCs>



Biografia do autor

O pastor Antônio Carlos Gonçalves Bentes é capitão do Comando da Aeronáutica, Doutor em Teologia pela American Pontifical Catholic University (EUA), Pós-graduado em Ciências da Religião pela Faculdade Pan Americana, Pós-graduado em Psicologia Pastoral pela FATEH - Faculdade de Teologia Hokemãh, conferencista, filiado à ORMIBAN – Ordem dos Ministros Batistas Nacionais, filiado à FIEL - Federação de Igrejas Evangélicas Locais, professor dos seminários batistas: STEB, SEBEMGE e Koinonia e também das instituições: Seminário Teológico Hosana, UNITHEO, Seminário Teológico Goel e Escola Bíblica Central do Brasil, atuando nas áreas de Teologia Sistemática, Teologia Contemporânea, Apologética, Escatologia, Pneumatologia, Teologia Bíblica do Velho e Novo Testamento, Hermenêutica, e Homilética. Reside atualmente em Lagoa Santa, Minas Gerais. É pastor emérito da Igreja Batista Nacional Goel em Lagoa Santa - Minas Gerais. Diretor do Seminário Teológico Goel. É casado com a pastora Rute Guimarães de Andrade Bentes, tem três filhos: Joelma, Telma e Charles Reuel, dois genros: Herbert e Cezar, uma nora: Rebeca e três netos: Eliza, Anna Clara e Augusto .

Pedidos ao Pr. A. Carlos G. Bentes

E-mail: pastorbentesgoel@gmail.com

FACEBOOK: ANTÔNIO CARLOS BENTES

Instagram: [antoniocarlosbentes](https://www.instagram.com/antoniocarlosbentes)

Cel. (31) 995694849